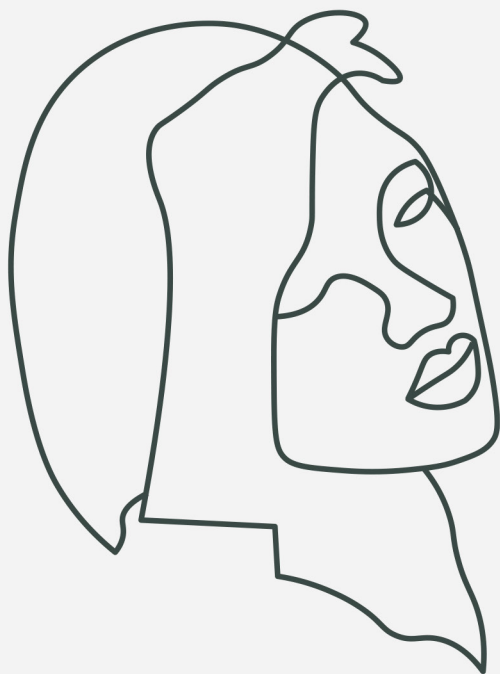


ACASO LITERÁRIO

ORG. SIMONE CAMPOS



VOL. 1

ACASO
CULTURAL

Simone Campos (Org.)



ACASO LITERÁRIO

VOLUME 1

Rio de Janeiro • 2021

ACASO
CULTURAL

PREFÁCIO

Simone Campos

Fui convidada a ministrar uma oficina literária pela primeira vez na vida pela Acaso Cultural. Após pensar um pouco, decidi chamá-la de “Escrevendo o que te realiza”. Além da minha carreira de mais de 20 anos como escritora, o conteúdo também refletiria minha experiência como editora (fiz produção editorial na UFRJ e trabalhei em editoras cariocas), tradutora, e acadêmica (tenho mestrado e doutorado em Letras pela UERJ).

O jeito como escolhi ministrar minha oficina é trabalhoso – mas é o único que pensei que faria sentido. Foram quatro aulas, três das quais com “dever de casa” – escrever um conto, que depois eu editaria e enviaria de volta aos autores. O primeiro exercício consistiu em retratar um mundo à parte, como campeonatos de xadrez e salas de professores. Na segunda aula, passei uma tarefa voltada a enfrentar medos de escritor e “desafiar os deuses da literatura”, reescrevendo um conto de Clarice Lispector: o “Felicidade clandestina”. O último exercício

pedia para cada aluno inventar uma encomenda literária (um *prompt*) e tentar cumpri-la; no entanto, não haveria punição caso o escritor fugisse do tema autoproposto. O intuito era simular uma experiência comum – e de dar calafrios – na vida de escritora profissional: receber uma encomenda, e com prazo.

Cada um dos alunos brilhou mais em um dos temas; alguns ofereceram mais de um bom conto. Lemos alguns dos contos juntos em aula, revendo elogios, críticas e sugestões de edição. No decorrer das semanas durante e após a oficina, os alunos estavam convidados a sugerir edições e comentários aos contos uns dos outros. Indiquei para a antologia os contos que achava mais potentes entre os que cada aluno havia entregado. A maioria concordou, e feitas as edições, aqui estamos.

A reescrita do conto de Clarice rendeu resultados surpreendentes. No conto original, a narradora deseja um livro infantil caro e raro, *Reinações de Narizinho*, e uma menina rica e obesa da escola, filha de dono de livraria, diz que vai lhe emprestar seu exemplar, mas sempre inventa uma desculpa e nunca o empresta. M D Senna-Prime, com o conto “A amante”, traz a história para a atualidade: a rival rica agora é uma influencer famosa de corpo perfeito, e a narradora, adulta e sensual, apresenta sua cobiça de uma forma diferente. Em “Reinações e outros prazeres”, Tássia Accioly girou a perspectiva, oferecendo empatia total à suposta vilã, que sofre com a solidão na escola e uma mãe que pretende emagrecê-la a qual-

quer custo; nessa versão, seu pai não é o proprietário da livraria, mas apenas o gerente em tempo integral. Em “O caso da casa da árvore”, Alessandro Pinesso narra, com humor, do ponto de vista de um garoto gordinho que compra revistas de mulher pelada às escondidas, e acaba ficando gamado na jovem filha do dono da loja, cujas carnes fartas encarnam seus sonhos eróticos. Mas é a personalidade forte da menina que faz com que a paixão adolescente ganhe corpo.

O conto do “mundo à parte” trouxe gratas surpresas. A escolha de cada um revelou um pouco daquilo com que cada um era mais familiar, mesmo que fosse um mundo de fantasia; não à toa foi o primeiro trabalho pedido na oficina. Carolina Walliter comparece com “Ismael”, cujo narrador parece (à primeira vista) ser um coveiro, retratando sua rotina de trabalho no cemitério de forma muito humana, com uma surpresa no final. Paulo Zan narra, em primeira pessoa, a rotina do homem do carro do ovo que percorre diversas regiões de Salvador no ótimo “Ossos do ofício”. E Vinícius Kalin entrega um mundo fantástico sobejamente detalhado e original em “Uma conversa cordial”, com vocabulário e ambientação inspirados na época da ocupação árabe na Península Ibérica. Entre goles de vinho malte, a cordialidade pode não ser tanta assim.

No conto de tema livre – porém “semipreso” pela encomenda fake –, muitos alunos ousaram e brilharam. João Senra escreveu sobre as diversas “Ratazanas” que

infestam os hospitais brasileiros, um conto horrivelmente atual em vista de escândalos como o da Prevent Senior. Na senda do terror, temos “Um rosto familiar”, em que Thais Giardinieri parte de uma situação cotidiana – um trabalhador cansado chegando a seu prédio antigo depois do expediente; só que ele está cansado demais até para perceber que está diante de um fenômeno sobrenatural. Em “O poeta e o rei”, Caio Grifo maneja a linguagem com maestria para tratar de um rei que força um poeta a escrever-lhe um deus, para assim melhor dominar seu povo; a escolha do escritor (escolha? sob tortura?) traz consequências imediatas e funestas, inclusive para ele.

Há espaço também para contos mais leves, mas não menos bem executados. Em “*Under Pressure*”, Isadora Contins trata dos bastidores da turnê de uma banda cover do Queen, entre celebridades e anônimos, encontros e desencontros. Nicole Ayres se inspira na lenda indígena de Guaraci e Jaci (Sol e Lua) para criar, em “Eclipse lunar”, um flerte entre duas personalidades bem diferentes; os opostos se atraem, mas será que conseguem ficar juntos?

Buscar escrever aquilo que te realiza acaba trazendo o esperado – diversidade literária –, mas sempre de forma inesperada. Pois cada pessoa é um mundo. Contemplemos aqui alguns deles.

CONTEÚDO

Prefácio	2
<i>Simone Campos</i>	
O caso da casa da árvore	7
<i>Alessandro Pinesso</i>	
O poeta e o rei	19
<i>Caio Grifo</i>	
Ismael	26
<i>Carolina Walliter</i>	
“Under pressure”	34
<i>Isadora Contins</i>	
Ratazanas	47
<i>João Senra</i>	
A amante	50
<i>M D Senna-Prime</i>	
Eclipse lunar	55
<i>Nicole Ayres</i>	
Ossos do ofício	61
<i>Paulo Zan</i>	
Reinações e outros prazeres	65
<i>Tassia Accioly</i>	
Um rosto familiar	74
<i>Thais Giardinieri</i>	
Uma conversa cordial	80
<i>Vinicius Kalin</i>	
Os autores	90

O CASO DA CASA DA ÁRVORE

Alessandro Pinesso

Sou um glutão assumido. Nunca me contento com pouco. Fiz uns meses de terapia para tentar encontrar a raiz de tanta gula, mas desisti. Melhor empregar as três centenas de reais por sessão em vinhos italianos e azeite trufado.

Desde cedo, notei que era mais corpulento e guloso que os colegas. Meu pai, esperto, me matriculou numa academia de judô, onde aprendi a estraçalhar aqueles que se atreviam a bulir comigo. Afinal, não sou gordo, sou forte! – dizia minha velha mãe, a sábia, que hoje repousa num jazigo no Araçá.

Naquela época, o bairro dispunha de uma única livraria, até que bem sortida. Foi lá que descobri minha primeira paixão, Agatha Christie. De sua lavra, o detetive belga, Hercule Poirot, era – e ainda é – meu favorito; pelas citações em francês nunca traduzidas e o físico rotundo, com o qual me identifiquei de imediato.

Por entre aquelas estantes, se esgueirava um segredo bem guardado na pessoa de Vivaldo, o funcionário da loja. Seus cabelos sempre sebosos quase tocavam os óculos de aros pretos e lentes telescópicas. O rapaz era bibliotecário de formação, fato que lhe emprestava uma certa dignidade.

Ao se gabar de seus feitos sexuais, exibia um esgar assustador. Os moleques – eu incluso – ouviam suas façanhas num misto de inveja e admiração. Hoje, devo supor que metade era mentira e o restante fruto do pagamento a profissionais do ramo.

Mateiro, vendia por baixo dos panos revistas pornográficas suecas e edições da Playboy para uma clientela seleta de adolescentes ávidos por uns nacos de nudez. O valor cobrado era o dobro do preço na banca. Pegar ou largar. A puberdade gritante me tornou freguês de seus serviços, o que consumia parte considerável da mesada. Bastava um olhar silencioso para Vivaldo sumir no interior da loja a escarafunchar seus escaninhos. Ao voltar, olhava para os lados e, lépido como um lagarto, entregava a revista. A ilegalidade do ato gerava um *frisson*, reforçado pelo anonimato do envelope pardo que envolvia o produto. Aquilo era meio tenso, mas divertido, pois me remetia ao papel que embrulha as bebidas vendidas nos filmes americanos.

Muito antes das cirurgias e academias, havia ampla variedade de tipos físicos nas revistas masculinas. Na Playboy, a maioria era composta de beldades com seios

fartos, como convém ao gosto gringo. Nas pornográficas, havia de tudo. Negras, orientais, indianas, louras. Mas nenhuma delas se comparava àquela ruiva de curvas beem generosas se refestelando com dois negros.

Me encantei com a fartura daquelas carnes brancas. A cereja do bolo era o pequeno matagal escarlata entre as pernas. Nos dias seguintes, ansiava a hora de sair do colégio para chegar em casa e me jogar em seus braços. Em pouco tempo, as páginas da revistinha já estavam soltas.

Como um *junkie* em busca de mais doses, voltei à livraria para fazer a Vivaldo uma encomenda bem específica. Perto da entrada, quase esbarro em Clarice, uma menina loura que saía dali com cara de choro. Coisinha sem graça, magra e reta feito tábua de passar.

Entreí na loja crente que encontraria Vivaldo, mas, ao botar os olhos no balcão, o ar me faltou. Uma garota tamanho G, a pele branca salpicada de sardas e os cabelos ruivos enrolados em caracóis. Dona de um par de seios titânicos, era a versão Lolita da sueca que habitava minhas fantasias. Sem pressa, seus dedos gordinhos desembrulhavam o celofane de um pirulito vermelho.

Extasiado, senti um frio no estômago e a boca secar. Impassível, a fofa me dirigiu a palavra.

“Te ajudo em alguma coisa...como é mesmo seu nome?”

“Hãã...Celso. E o seu?”

“Clara. Maria Clara”

“Prazer, Maria Clara. Estava procurando o Vivaldo...”

“Ele tá de cama, acho que só volta semana que vem. É só com ele?”

Percebi que ela desconfiava, então disfarcei.

“Não.... ahnn...Tem Agatha Christie?”

“Tem sim. Qual?”

“Posso ver os que você tem?”

Maria Clara tinha um olhar firme e inquisidor. Enfiou o pirulito na boca, tirou e respondeu.

“Vem cá que eu te mostro.”

Virou as costas e foi em direção a uma estante. Eu a segui, num torpor automático. O vestido curto, meio soltinho, não escondia as ancas fartas que se moviam a cada passo. Fartas, porém firmes.

“Tem esses aqui, ó.”

Vasculhei os títulos e, quando abria a boca para falar, Maria Clara tira da estante *O Assassinato no Campo de Golfe*.

“Gosto desse.”

Meu coração pulava. A garota perfeita também é leitora de Agatha Christie! Retruquei.

“Já li todos com Poirot.”

Ela exibiu uma careta de admiração.

“Tem a Miss Marple.”

“Será? Eu adoro Poirot!”

“Deixa de ser bobo, a velhinha é legal. Leva esse aqui.”

A mãozinha fofa apanhou *Um Corpo na Biblioteca*. Sorri por dentro, pensei “e que corpo!”, mas perguntei:

“É bom?”

“Lógico que é.”

A danada me surpreendia a cada frase. Estava apaixonado. Olhei para o rosto redondo que lambia o pirulito e suspirei.

“Vou levar.”

Ela se virou de costas e inclinou o corpo para apanhar uma sacola, o contorno da calcinha bem nítido no vestido de malha fininha. Vivaldo acabara de perder um freguês. Sorrindo, olhei para ela em busca de alguma cumplicidade e me despedi.

“Tchau, Maria Clara, prazer.”

Uma longa chupada no pirulito depois, ela respondeu.

“Tchau.”

Com a sacola na mão, voltei para casa pisando em algodão doce. A imagem de Maria Clara grudou em minha cabeça e lá ficou. No quintal, subi à casinha de madeira encarapitada na grande figueira, bem no meio do terreno. Já havia passado a idade de brincar, mas ali eu tinha mais privacidade que em meu quarto. A coleção de revistas compradas do anjo pornográfico estava toda ali.

Horas depois, minha mãe berra para eu atender o telefone. Um amigo me convidava para ir ao cinema, mas declinei. Me empanturrei com as aventuras da simpática Miss Marple. A ideia era ler tudo o mais rápido possível

para impressionar minha amada. Completei a tarefa e adormeci. Como de hábito, despertei com a voz potente da *mamma* a me chamar para o jantar.

A soneca pós-leitura me atrapalhou o sono. Melhor, assim poderia fechar os olhos a imaginar cada pedacinho daquela deusa que me arrebatou sem dó. Devo ter sonhado muito com ela, mas não me lembro.

No dia seguinte, um sábado, a livraria fechava ao meio-dia. Oito da manhã já estava vestido, de banho tomado e cabelo penteado. Minha mãe tomou um susto, mas, antes que pudesse perguntar o motivo de tanto asseio, eu já estava na rua. Espiei pela vitrine da livraria, nem sinal de Maria Clara. No lugar dela, um sujeito corpulento e careca aguardava os fregueses. Pelo jeito, seu pai. “Ainda não é hora de conhecer o sogro”, pensei.

Ela morava com a família no andar de cima da livraria. Escondido atrás de uma árvore, passei uma hora de guarda e nada vi além de seu vulto passando diante de uma janela. Esperei mais meia hora e nada. Derrotado, fui embora.

Nunca havia ansiado tanto por uma segunda-feira. As aulas no colégio pareciam infinitas. Soado o sinal, fui correndo para a livraria, que estava em pé de guerra. O pai de Maria Clara, furioso, dirigia a Vivaldo impropérios que até então eu desconhecia. Ao lado dele, empilhadas, as revistas profanas. Maria Clara, *blasée* como sempre, comia uma barra de chocolate. Vivaldo estava demitido. “E se dê por satisfeito por não te demitir por justa cau-

sal”, bradou o agora ex-patrão. Encolhido feito tatu-bola, Vivaldo passou por mim, sorriu triste e foi para o olho da rua mancando de uma perna.

Maria Clara percebeu meu constrangimento e me puxou pelo braço. Ao lado da livraria, havia uma praça onde nos sentamos. Ela me ofereceu um teco do chocolate, aceitei de pronto. Enquanto mastigava, ela falou.

“Eu sei dessa história do Vivaldo faz tempo. Ele passou uns dias fora porque estava doente, mas voltou cheio de graça.”

“Como assim?”

“Logo de manhã falou que eu estava uma moça crescida, que iria me pedir em casamento.” Mal terminou a frase, desatou a rir com uma virulência macabra.

“Ele não tirava o olho de mim. Quando meu pai saiu para comprar cigarro, ele me agarrou, meteu a mão nos meus peitos, queria me beijar. Chutei a canela dele com força, ele caiu no chão gemendo de dor. Você precisava ver a cara de pânico dele quando meu pai chegou. Eu até pensei em falar a verdade, mas achei melhor mostrar onde ele escondia as revistas.”

Ouvi tudo e permaneci em silêncio, tentando decifrar aqueles olhos muito verdes.

“Eu sei que você quer me beijar. Talvez eu deixe um dia desses.”

Continuei mudo. Ela se levantou.

“Você tá muito quieto hoje. Amanhã a gente se fala, tchau”, e voltou para a livraria.

Permaneci ali por mais algum tempo, a pensar no risco que correria ao me envolver com ela.

“Foda-se. Se não arriscar, vou me arrepender pra sempre.”

Saí da praça e fui para casa. Com a demissão de Vivaldo, agora o pai assumira o balcão pela manhã e Maria Clara atendia aos clientes à tarde. Na terça, voltei à livraria.

“Terminei o livro. Gostei muito, quero ler outro com a velhinha.”

Ela ergueu as taturanas vermelhas acima dos olhos, admirada.

“Que rápido. Vem cá.”

Eu seguiria aquela bunda até o inferno se fosse o caso. Parou diante dos livros de Agatha Christie e apanhou *A Mão Misteriosa*.

“Esse é porreta.”

“Vou levar.”

“Depois me conta o que achou.”

Torrei os últimos tostões da fêria semanal naquele livro e me despedi com um olhar demorado. Ela quase sorriu.

Passava de meia-noite quando concluí a leitura. Tive de usar uma lanterna para que minha mãe não me apor-

rinhasse devido à luz acesa. Na tarde de quarta, voltei à livraria. Maria Clara fez pose de açucareiro e mandou:

“Mentira que você já acabou o livro?”

“Mentira nada.”

“Duvido!”

“Quer que eu te conte?”

“Quero!”

“Até que horas você trabalha?”

“Cinco.”

Tremendo na base, soltei essa.

“Passo aqui e vou te levar pro meu esconderijo.”

Intrigada, ela apertou os olhos.

“Onde é?”

“Você vai descobrir depois.”

Ela pensou um pouco e topou.

“Combinado. Passa aqui às cinco.”

As três horas seguintes pareceram um dia inteiro. Às cinco, estava de volta.

“Vamos?”

“Peraí que vou avisar minha mãe.”

Ela entrou na livraria e subiu as escadas correndo. Voltou esbaforida e saímos à rua. Para minha surpresa, segurou em minha mão durante o percurso. Era a glória. Abri o portão de casa e a levei até a figueira. Ela ergueu os olhos até a casinha e empacou diante da escada. Insisti.

“Vai você primeiro, se cair eu te seguro.”

Maria Clara começou a subir e pela primeira vez vi uma garota de lingerie que não estivesse numa revista impressa. Subi atrás dela, que comentou.

“Legal sua casa da árvore. Agora desembucha.”

Era agora ou nunca.

“Primeiro quero um beijo.”

Ela ficou séria, me olhando. Sem dizer nada, colou sua boca na minha, mas fechada, e deu um beijo.

“Pronto.”

“O livro é bom.”

“Ah, vá, isso qualquer um pode dizer.”

“Beijo assim até minha mãe pode me dar.” Encarei a fera esperando uma atitude. Ela se aproximou e nossas bocas se beijaram de verdade. Pirei. Não queria sair daquele beijo nunca mais, então ela me empurrou.

“Ô! Calma aí!”

Sorrindo, comecei a contar detalhes da história e porque havia gostado do livro. A tarde já avançava, então ela disse que precisava voltar para casa.

“Eu te acompanho”, disse.

Na volta, de mãos dadas, me sentia outro, como uma serpente que troca de pele. Diante da livraria, ela me deu um selinho e entrou com os olhos fixos em mim. Acenei para ela e parti.

As semanas foram se passando e quase todos os dias subíamos na casa da árvore para falar de Agatha Christie e trocar beijos cada vez mais demorados. Os pais dela sabiam que estávamos namorando, mas ela não contara da casinha na árvore. Minha mãe, sempre muito direta, disparou.

“Se você engravidar essa menina, eu te expulso de casa!”

Adoraria estar tão avançado no tabuleiro, mas ainda faltavam muitas casas até o final do jogo. Assenti sem dizer nada.

No dia seguinte, um sábado, tínhamos muito mais tempo para ler e beijar. Fui até a livraria, ela subiu as escadas e voltou com uma mochila da Minnie Mouse nas costas. Fiquei curioso.

“O que tem aí?”

“Vamos pra tua casinha que eu conto.”

Os vizinhos já estavam acostumados ao jovem casal peso-pesado, então ninguém mais estranhava. Ansioso, tentava apressar o passo de Maria Clara que, por sua vez, estava em sua zona de conforto, ou seja, no comando, curtindo cada segundo de minha sofreguidão.

Subi as escadas com uma rapidez inédita, enquanto ela enrolava de propósito. Ao chegar, abriu o zíper da mochila lentamente.

“Tenho duas novidades”, disse.

“Fala logo!”

“A primeira é essa” e sacou um exemplar de *O Gênio do Crime*, de João Carlos Marinho.

“Olha, é brasileiro?”, perguntei.

“Sim, vamos ler juntos?”

“Claro! E a segunda?”

Ela enfiou a mão na mochila e espalhou algumas das revistas suecas no chão.

“Tá na hora de a gente virar adulto!”

O susto foi tamanho que não conseguia dizer palavra. Não era mais um menino com um livro: era um homem com sua amante.

O POETA E O REI

Caio Grifo

Dá-me um deus. Traga-o vivo. Como? Arraste-o colina acima amordaçado, cão! Componha tua imundície, faça desta lírica coxa algo que não seja o escárnio de meu nome. Se tens, desgraçado, gênio capaz de cerzir versos para trazer aos portões uma procissão de miseráveis em lamúrio por suas úlceras, por seus tributos, por suas crianças defuntas e por estarem tão, tão cheios de fome; se tua métrica alimenta a chama das tochas daquilo que chamam de homens-do-povo, podes escrever-me um deus. Mas, se o uso do teu ofício for somente amestrar matilhas de inválidos e senis, falhando, então, em fazer dum pergaminho pele divina, terá de exilar a pena. Creio que saiba, poeta, que a memória dos velhos monarcas hiberna em grutas inauditas — não seja insuportável o fardo da glória dos tempos moços em nossos corpos. Por isso, sugiro que comece teu trabalho antes mesmo que o sol se deite sobre os vales, pois preocupo-me em esquecer-lo, por descuido, na escuridão lodosa das masmorras.

Faça-me um apascentador de turbas, um amansador de forcados. Dá-me um deus cujo olhar escorra misericórdia e o semblante inspire nos desvalidos a esperança mineral das pedras; um deus que empanturre seus estômagos de uma fé gorda, que demande jejum e júbilo por sua graça. E, quando as mães embalarem suas crias em mortalhas, se aproxime como um ladrão na noite e sobre em seus ouvidos: “Foi apenas a minha vontade”.

Essas foram as palavras do rei.

Refratados em malta pelos imensos vitrais que entrecortavam a sala do trono, os raios solares — como dragões em mergulho aéreo — esgarçavam as retinas do artesão com garras e dentes dourados. A verborragia do déspota coalhava a aragem fazendo de tudo um brejo desalmado. Coágulos de medo implodiram purulentos com a pancada seca do cetro de prata. A voz coroada estancou nas gargantas da hidra suspensa. Castrou-se o tempo. Silente, o literato implorava. Deixe-me aqui, faço do meu corpo lar de lanças. Deixe-me aqui, com o sol a dilacerar-me as vistas. Apaixonou-se pela bruta brandura da natureza que não mais conhecia, aninhou-se no eterno e consentiu o regresso difícil do humano — não mais a criatura sob a flama morrente da vela, competindo por alimento com ratos e dormindo sobre o musgo espesso —, limpava a alma da condição de besta e assumia o brio fúlgido dos seres livres. Escrevo-te um deus à tua imagem, meu rei. Um ser medonho cuja repugnância só poderia nascer duma nódoa de tinta, e não da boa língua. Irá, vejo

bem, emergir da mácula com seus tentáculos esguichando a garoa negra e arremessar seu arpão no firmamento — digerindo a substância, toda ela, que latejar em vida. E das ravinas irão pulular seus filhos bastardos como medusas planando sobre ondas de vapor, nutrindo-se das reses e das plantações. Teu deus dirá que encontrou uma pérola nas entranhas dum pequeno cervo — terá como montaria a cruza anômala da paz com a carnificina. Faço do meu espírito berço de basilisco. Esse foi o silêncio do poeta.

Acompanharam-no durante a descida da escada espiralada um par de soldados: um avançava em sua frente, levando um castiçal; outro ocupava a retaguarda, empunhando uma adaga. Sobre os degraus, o eco de seus passos retumbava como fosse um exército em marcha subterrânea — mas suas sombras, quando não fundidas na forma de um lagarto soturno esgueirando-se vastamente pelas paredes, divisavam três vultos. Chegaram às primeiras câmaras, mas ao escritor reservava-se a mais profunda e úmida — sem celas contíguas, apenas a estreita concavidade rochosa guarnecida por grades de metal. Teriam de descer até o último círculo.

Em seu cárcere a esteira. O pergaminho. A tábua. A companhia de objetos estranhos o cindia com uma alegria terrível. Pousada na madeira pútrida estava sua pena — a saudade embebia as barbas brancas diluindo-se concentrada no cálamo. Tu mesma, como nunca. Sinto que recai sobre nós a cólera dos seres por tê-los

transformado em algo como um verso. Rememoro, sim, o pranto dos ciprestes; vergaram-se inconsoláveis sob o peso da poesia, atemorizados — com que tristeza — por verem o terror refletido nas auréolas íntimas. Eis a peculiaridade partilhada em segredo por entes e reis: apavoraram-se de morte ao menor sinal de palavra. Não há cura para o espanto de testemunhá-la engolfando-se no corpo incógnito e trazendo entre os dentes o fantasma, mas abandonando a carcaça viva. Apavorei-me de morte pelo que a palavra rejeita.

Encontrou o frasco de tinta misturado à penumbra e sentou-se na esteira. Cruzou as pernas. Seus joelhos suportavam a tábua sobre a qual depositou o vidro e aplaiou o pergaminho — a pena, desta vez, era-lhe desnecessária. Entornou a tintura na parte central e expandiu, com a ponta dos dedos, o negrume líquido, concedendo ao deus oculto seus tentáculos — bastava um para içá-lo ao exterior. Lá, envolto em calor, beijaria a face da terra; pisaria os seixos polidos pela torrente fresca do riacho; daria de comer aos animais; e, se houvessem deixado Agnes onde a vira pela última vez, represaria sua valsa pendular abraçando-lhe os joelhos pequeninos — seria piedosa o bastante para perdôá-lo por não olhar para cima? Seria. Era tão vaidosa. Iria preferir que ele a encontrasse exausto pela procura, com sua pena cativa nos caracóis castanhos, lépida e graciosa ao perturbar a feitura de uma estrofe como costumava fazer. Não! Não me olhe assim. Espere, devo primeiro desatar este nó. Não me deixe

cair no chão! Não deixo, meu bem. De mãos acorrentadas, não pudera antes impedir que erguessem sua filha pelo pescoço — o rei convocara toda a gente para assistir ao espetáculo: “Isto, meu povo, é o que sucede aos agitadores!” —, desta vez, no entanto, estaria livre para colhê-la em seu sono e levá-la de volta para casa.

Enrolado o pergaminho, livrou-se da tábua e do que nela apoiava e deitou-se na esteira. Seu feito fora o avesso daquilo que recitara para os campesinos. Não havia refúgio na lembrança de sua leitura em cima do tablado na praça onde os homens ouviram-no e assustaram-se ao contemplar a herança comum de sua escassez. Agora, na cena evocada, o poema que trazia em mãos gorava podre à medida que o céu escurecia e nele pairavam as amplas medusas. No poente recordado, a face divina erguia-se entre os montes e implorava com seu olho solitário a complacência paterna. Soube, ao vê-lo assombrar seu sonho, que o monstro nascera de fato.

Trouxera o deus vivo. Obedecera ao rei, seria libertado. Deveria descansar e engolir seu naco de culpa — mas via, via bem, um laço fraterno entre o poema insubordinado e o verso amorfo feito há pouco. Poderia a insurgência de sua antiga poesia ser também a medula de outra divindade? Espantou-se ao pensar o feitio que poderiam ter tomado as rimas que declamara para a multidão, pois seu rosto não poderia ser outro que não o de uma estrela, e seu instrumento uma espada forjada no fogo da revolta. Quando um servo lhe trouxe a tigela de metal com sua

janta, pediu para que o pergaminho fosse levado ao soberano. Além dele, foram recolhidos também a tábua, o vidro e a pena.

Não o soltaram no dia seguinte. Ao perguntar para um dos criados que lhe traziam comida quando o rei o deixaria ir, o homem se manteve calado. Questionou novamente na segunda refeição, o silêncio foi o mesmo. Em uma semana, agarrou-se suplicante à perna do serviçal, que lhe deu um chute na garganta. Vomitando um bago de sangue, constatou que libertá-lo não fazia parte dos desígnios daquele que lhe encomendara o deus.

Houve um momento, entretanto — noturno, pois sentiu-se nos ossos, mas impossível de discernir na teia escura das horas — que o poeta despertou com um rumor insólito nas escadas. Passos prateados retiniam no calabouço como o prelúdio de uma sinfonia. Desabrochando como que na própria cela, a harmonia de brados de guerra cintilava em píncaros estridentes de lâminas e foices rasgando a malha interior das armaduras. No fundo, o murmúrio melódico do fogo alastrando-se pelo chão crescia e estourava em percussões explosivas. Soava a lira suspensa. Em cadência, o andar antes sozinho passava a guiar o coro de vozes conduzidas às masmorras. Correntes e cadeados em queda emitiam o som da soltura ecoando nas câmaras. Conforme a tropa avançava nas profundezas, a música, ao invés de avolumar-se, tornava-se cada vez mais baixa até que, no último degrau,

silenciou absolutamente. Deslumbrado, o escritor pôs-se de pé à espera de seu salvador.

A luz que emanava de sua pele pôde ser vista antes que se detivesse em frente a ele. Separavam-se apenas pelas grades, então a viu: a coroa do rei encimava a cabeça de uma mulher. Sua armadura limitava-se ao tronco, reluzindo prateada e incompleta ao passo que um vestido branco cobria a parte desarmada. Uma de suas mãos portava uma espada, a outra segurava pelos cabelos a cabeça decepada de um ser muitíssimo parecido com o rei, diferindo-se apenas pelo único olho no centro da face e pelos tentáculos que pendiam do corte em seu pescoço. Jogou-a ao chão, abriu o cadeado ao esticar os dedos e entrou. Sem dizer palavra, abstraíram-se num instante de reconhecimento mútuo que, para o poeta, duraria a eternidade. E duraria — se ela não cravasse, em retaliação, a espada no fundo de seu peito.

ISMAEL

Carolina Walliter

O lusco-fusco que precede o descortinar do sol testemunha, todos os dias, o mesmo ritual: Ismael desperta ao ínfimo ranger do metal carcomido de ferrugem, tremendo com o passar dos primeiros ônibus a circular na cidade. Boceja, engolindo a escuridão que o rodeia e só para de se espreguiçar quando sente que está prestes a arrebentar. Num pulo, está de pé.

Na rua, olha para um lado e para o outro. Nem uma viv'alma. Apesar do semblante amassado de sono, Ismael percorre rapidamente seu caminho até o portão principal do cemitério. Ali, aguarda seus companheiros de lida: Romualdo e Adalberto, os coveiros do turno da manhã. “Espero que não demorem e tragam um café caprichado. Algo me diz que hoje será um longo dia...”, reclama, fazendo coro aos protestos do próprio estômago.

Alguns minutos depois, uma figura desponta no horizonte, para além dos muros do cemitério. Não é difícil distinguir os passos arrastados de Adalberto mesmo

à distância, dado o silêncio sepulcral das redondezas. O senhor caminha sem pressa, mancando levemente da perna esquerda e usando o peso da mochila que carrega sobre o ombro direito para contrabalancear e manter-se nos eixos. De cabeça baixa e ensimesmado nos próprios passos, ergue os olhos cansados e saúda o companheiro que o aguarda no portão.

“Ismael, já tá você por aqui. Cabra madrugador!”, diz, tirando do bolso um molho de chaves imundo. Um golpe de ar gélido vindo de dentro do cemitério atravessa as grades do portão encarquilhado, dando as boas-vindas ao coveiro que segue, impassível, testando as chaves no buraco de um cadeado de ferro grande.

“De pé e com fome!”, retruca.

“Viste que cheguei de mãos abanando, não, cabra? Hoje é terça, Romualdo que vai trazer nosso café, se acalme!”, responde o coveiro, impaciente após tentar abrir o cadeado com a última chave que ainda não havia testado. “Diabo! Todo dia agora é isso, minhas chaves deram pra não funcionar!”, pragueja, forçando a ponta suja da chave cadeado adentro. “Não tem jeito, vamos ter que esperar Romualdo chegar para abrir o portão”, reclama, sentando-se ao lado de Ismael no largo degrau de concreto rugoso, tão gasto e encardido quanto o portão que sustenta. A quietude do dia que amanhece pesa sobre as pálpebras de Adalberto, que não se furta a cochilar à espera de Romualdo. Para se distrair dos roncos que sua barriga dá, Ismael descansa os olhos, mas se mantém alerta.

Um assobio agudo rasga o silêncio e desperta os dois. Ismael olha atônito para a direção do barulho, mais por reflexo do que pelo susto de ter sido acordado. É Romualdo virando a esquina, chaves tilintando para fora do bolso da calça, garrafa térmica numa mão e uma sacola plástica na outra, estufada por um embrulho de papel pardo cujo aroma toma conta do ar denso da rua: “Pão fresco e quentinho!”, comemora Ismael.

“Eita, cabra atrasado! Se apresse, Romualdo!”, interrompe Adalberto, levantando com dificuldade e batendo as mãos para limpar a sujeira.

“Bom dia para o senhor também, Seu Adalberto. Peguei fila na padaria, homem, não me aperreie!”, replica Romualdo, abrindo o cadeado do portão. “Bom dia, Ismael. Mais um dia de trabalho para nós”, lamenta.

“Que seja um dia bom”, roga Ismael, atravessando o portão do cemitério ao lado dos coveiros.

“Bom” é um adjetivo torto para a rotina de um cemitério, ainda mais durante uma pandemia. Um sem-fim de afazeres que se acumulam, apesar dos ritos funerários abreviados. Adalberto começa abrindo a secretaria: pega a lista preparada na véspera por Mirtes, a secretária, para conferir se tudo está nos conformes para os velórios e sepultamentos da manhã. Por serem mais jovens, Ismael e Romualdo partem direto para as sepulturas indicadas por Adalberto, a fim de averiguar quais precisam de maiores reparos para acolher seus novos moradores.

Às oito da manhã cravado, o cemitério já está aberto e pronto para receber todos, vivos ou mortos. Os agentes funerários costumam ser os primeiros a chegar, com um ar desafetado que sempre espanta Ismael. Eles parecem imunes ao local e ao aglomerado de fatos e circunstâncias que levam tantos para ali.

“Esquisito como tem gente que trabalha com isso, não acha?”, perguntou Romualdo, apoiando o cotovelo esquerdo sobre a pá enquanto observava de longe um agente funerário conversando com Adalberto.

“Devem dizer o mesmo de nós”, lembrou Ismael.

“Eu tô é na dúvida se esse daí veio trazer alguém ou veio para ficar!”, brinca o coveiro, abaixando o tom da voz à medida que Adalberto se aproxima.

“Romualdo, o doutor Fonseca veio fazer a exumação da sepultura 468, ala G”, solicita Adalberto.

“Pode deixar que eu levo você lá, só vou pegar o restante das ferramentas”, Romualdo avisa ao senhor engravado, se afastando do grupo, e acrescenta: “Ô, doutor! Se quiser, pode seguir Ismael, ele sabe o caminho”.

Ismael conhecia o cemitério de cor e salteado de tanto ir e vir, orientando agentes, coveiros recém-contratados e pessoas enlutadas pelos meandros do terreno. É assim que passa a maior parte das manhãs, até umas onze horas, quando termina a primeira leva de sepultamentos. Depois, ele sai para procurar alguma meia-sombra para descansar antes da primeira ronda da tarde. Hoje, não foi

diferente e, de quebra, ainda filou um almoço com Mirtes, sempre generosa com as quentinhas que traz para o trabalho. Com o sol quase a pino, o mormaço da manhã de inverno é praticamente irresistível e Ismael adormece.

O estrondo de um soluço afogado em lágrimas o acorda de supetão. Enquanto se recupera do susto, Ismael olha ao redor, buscando de onde veio o lamento. Não demora muito para avistar uma viúva aos prantos sobre um caixão próximo à árvore onde cochilava. O desconforto em ver a senhora em frangalhos de tristeza funciona como um lembrete incômodo: é hora da ronda, a tarefa mais difícil de seu dia de trabalho. Percorrer o cemitério é esbarrar na dor de tantos e, por mais acostumado que Ismael esteja a essa labuta, sempre conclui as rondas carregando em si as desesperanças de cada adeus.

Ainda acelerado por ter sido acordado de repente, Ismael atravessa a avenida principal do cemitério em passos rápidos, virando à esquerda na primeira bifurcação para cobrir a ala ímpar de sepulturas. Entra e sai dos corredores, olhando para os lados com pressa. Nota mais à frente um cortejo pequeno e cabisbaixo, acompanhando uma kombi que desliza lentamente pelo chão de pedrinhas e terra batida. Por um instante pensa em seguir o rastro de tristeza que o grupo deixava para trás, mas prefere não atrapalhar.

Três alas adiante, prestes a chegar no setor par do cemitério, Ismael vê uma mulher sentada na sarjeta que separa o chão de terra batida do estirão de cimento dedicado

às sepulturas. Sozinha e recostada em um túmulo, a moça tem o olhar absorto no nada, o rosto drenado de lágrimas.

Ismael passa direto por ela, mas não consegue evitar espia-la. Seus olhares se encontram de forma magnética. Apesar da distância entre eles, Ismael se vê refletido com nitidez na íris escura da jovem, preta feito as jabuticabas maduras caídas do pé frondoso, vizinho ao túmulo que lhe servia de encosto. Um olhar angustiado e cansado, ressaltado pela máscara côncava que cobre sua boca e semelhante ao de tantos outros que circulam por ali. Vidrado, Ismael sente a jovem reagir e retribuir o olhar, num esforço para distrair-se do luto. Envergonhado, ele abaixa a cabeça, respira fundo e volta a caminhar, pisando firme: “Foco, Ismael”, murmura para si. Afinal, se for parar para prestar condolências a cada pessoa entristecida com quem cruzar, sua ronda periga de nunca ser concluída. Impaciente, avança pelo caminho de terra, mas se pega olhando para trás, em direção à jovem, uma, duas, três vezes. A moça transpirava melancolia, tão palpável quanto o rastro empoeirado que Ismael deixava para trás a cada passo.

A tristeza da moça o acompanha, onipresente, um imã que o deixa lento e pensativo: “Como será que ela é fora daqui?”, pergunta-se, saltando um buraco. “Aposto que sorri com frequência... Duvido que suas marcas de expressão sejam só de sofrimento”, pondera, correndo para espantar um grupo de urubus inconvenientes orbitando ao redor de uma sepultura recém-aberta, com ci-

mento fresco secando ao sol. Olha para o céu, já é meio-dia. Vá, uma escapulida do itinerário da ronda não fará ele se atrasar para acompanhar Romualdo na recepção dos carros funerários para os sepultamentos da tarde.

Ismael dá meia-volta e refaz o trajeto percorrido até ali, apressado, farfalhando o tapete de folhas que cobre o cruzamento da ala L e a alameda principal, a parte mais movimentada do cemitério. Agitado, teme não a encontrar, perdendo tempo desviando de tanta gente mascarada indo e vindo. A garganta resseca assim que chega ao túmulo onde a havia visto poucos minutos antes. Vazio. Ismael processa a ausência da jovem por alguns instantes, olhando para um lado e para o outro, ligeiramente perdido.

Enfim decide para onde ir, ignorando prantos e deixando lamentos para trás. Seu senso de direção é apurado. Ela não pode ter ido muito longe. Embrenha-se por entre túmulos para cortar caminho e finalmente a vê, agora de pé, reparando nos detalhes de uma lápide suntuosa, decorada com flores frescas brancas e amarelas. Ao sentir que estava sendo observada, a jovem vira-se, certa, em direção ao seu admirador. Seus olhos e os de Ismael se encaixam novamente. Dessa vez, ela toma iniciativa:

“Nos encontramos mais uma vez, não é? Vem cá, vem”, ela se agacha, chamando-o para perto.

Ismael se aproxima da moça de mansinho. Hipnotizado, chega a se assustar com o estalo de um galho ressecado que rompe sob o próprio peso. Ela ri de seu espanto e ele, enca-

bulado, segura a vontade de se enroscar entre as pernas da jovem. O toque de seus dedos frios o faz estremecer:

“Que focinho quentinho, rapaz!”, exclama, escorregando as mãos para o pescoço de Ismael em um carinho vigoroso. “Bonitão, você, hein, cara... Você tem dono? Que tal ir para casa comigo?”

“*UNDER PRESSURE*”

Isadora Contins

Tom olha para o céu azulado, com nuvens que parecem algodão, e inspira fundo fechando os olhos. Ele para, por um breve instante, pensando na euforia que sente em estar naquela cidade. Ele adora o que faz. O jovem, de 28 anos, estica suas pernas andando um pouco para frente, e suas botas desgastadas no estilo Doc Martens imediatamente provocam um rangido que o incomoda. Toca o celular. Tom enfia a mão no bolso de seu short jeans rasgado. Era Clarice.

“Tom? A van já chegou! Tá na porta do hotel. Cadê você?”

“Vim tomar um café na esquina, já tô voltando!” – Tom responde animado acelerando seu passo.

Clarice desliga o telefone e olha para o motorista da van: “Café na rua? Quem faz isso, quando se tem direito a café da manhã de hotel, sem pagar?”. A baiana de 35 anos com luzes nos cabelos era produtora da banda que reunia cinco grandes nomes da música pop brasileira, e

uma atriz renomada que começara a cantar: Brigitte (por quem Tom tinha uma queda desde a pré-adolescência). Era um projeto que homenageava os 50 anos da formação do Queen. A banda temporária tinha sido montada especialmente para essa finalidade, com o patrocínio do banco Wells Fargo. A turnê, ainda em seu segundo show, passaria por mais oito capitais brasileiras. Clarice tinha ficado responsável pelo “Queen”, enquanto outros de seus colegas da Produtora Joia Rara se dividiam nos dois outros projetos que aconteciam ao mesmo tempo. Os projetos “Cazuza” e “Rita Lee” eram um barato, mas não chegavam aos pés do “Queen”; nenhum dos dois reunia tamanho número de artistas e o fervor que rondava a banda, que revisitava 20 músicas do lendário grupo inglês. Apesar de estar radiante por ter sido escolhida para dar conta do grupo que homenageava o Queen, a baiana, sempre vestida de forma um pouco *boho* e com uma fissura em havaianas coloridas, encontrava-se com mais pepinos do que gostaria. Suas responsabilidades não eram poucas e os seis artistas davam muito mais trabalho do que ela imaginara.

Naquele instante do telefonema, Clarice marchava para cima e para baixo, inquieta – com a cabeça a mil por hora – na portaria do hotel Sheraton de Salvador. Ela estava esperando os dois técnicos de som, o diretor de palco, os três *roadies* e o iluminador entrarem na van, que os levaria para o teatro. Eram dez da manhã, e a passagem de som era só às duas da tarde. No entanto, a equipe téc-

nica precisava estar no local antes de tudo e todos, além de só ir embora depois de guardar um número incalculável de coisas: cabos, extensões, placas de som, máquinas de fumaça, projetores, computadores, adaptadores, réguas e ferramentas.

A produtora sente seu estômago reclamar; era azia. Não era só Tom que estava atrasado. Edgar, *roadie* do guitarrista solo da banda, não estava dentro do carro e nem mais cedo no café da manhã, com a equipe. Clarice se toca disso e se dirige até Marcelo, iluminador de palco, que esperava do lado da van.

“Marcelo, pelo amor de deus! Não é só o Tom que tá atrasado. Cadê a porcaria do Edgar?”

“Ih, Clarice, você sabe que o Edgar é claustrofóbico, né?” – responde Marcelo ainda sonado.

Clarice tira a sua mochila das costas, pega uma necessaire cujo zíper não fechava mais de tantos objetos, e tira um antiácido. Rapidamente, ela taca duas pastilhas pra dentro da boca. Irritada, diz:

“Marcelo, o que é que isso tem a ver? Eu sei lá se Edgar é claustrofóbico, tem pânico ou faz análise lacaniana? Eu quero saber por que que ele não tá aqui, na hora marcada, pra fazer o trabalho dele.”

“O hotel colocou ele no sétimo andar, Clarice. Ele não entra em elevador. Aliás, ele não entra em um elevador há mais de vinte anos. Ele deve tá lentamente descendo as escadas. Fora que tomou todas ontem né.”

Marcelo, com seus dreads e ar *relax*, tenta tranquilizar a moça colocando suas mãos em seus ombros – como se fosse fazer uma massagem. Não adianta: Clarice tira suas mãos delicadamente. Tom chega bem nessa hora.

“Opa! Cheguei, Cau. Bora?” – Tom pergunta, com um sorriso no rosto.

De repente, a porta automática do hotel se abre, lentamente deslizando, e Edgar aparece. Ao fundo, ouve-se uma música instrumental “de elevador”, que permeia todo o lounge – provavelmente é alguma canção da Sade. O mais velho da equipe técnica – já careca – caminha calmamente, mancando um pouco e carregando uma guitarra, numa *bag* cinza. Óculos escuros quadrados e pretos descansam em seu rosto abatido da noite anterior. Uma melancolia parece acompanhar Edgar, mas não era algo decorrente da noite anterior, e sim uma característica intrínseca que, inclusive, respingava nos outros quando em sua companhia. Podiam ser os anos de excesso, dedicados à vida na estrada ou a eterna saudade dos dias em que tivera sua própria banda, antes de virar *roadie* de um de seus amigos: o que ficou famoso.

“Ufa” – Clarice chega a bufar de alívio.

O motorista finalmente fecha as portas da van e segue para o teatro. Clarice dá uma corridinha, apressada, em direção ao restaurante do hotel. Ela precisava checar se os artistas já estavam no café da manhã e sua *checklist* ainda estava no segundo item.

A van segue, em alta velocidade, com Tom, Marcelo, Edgar e os outros técnicos espalhados pelo transporte espaçoso. O ar-condicionado, ligado no máximo, faz barulho e começa a vaziar um pouco d'água. Salvador é quente, independentemente da época do ano. Cai uma gota em Tom, que já estava grudado no celular, esperando a mensagem que costumava receber de Otto por volta daquela hora da manhã.

Otto, *The Boss*, como havia sido apelidado pelos músicos de apoio, era o produtor musical e diretor artístico do projeto “Queen”. Alto, moreno e bonito, Otto não passava despercebido. Com sessenta anos, ele esbanjava elegância; sempre vestido com camisetas de algodão pima – da melhor qualidade e leveza – em tons sempre mais escuros ou o simples branco. Seu armário tinha mais de dez *T-shirts off white*, em diferentes tonalidades e lavagens. Suas calças eram sempre de um jeans importado, como Armani, Gucci ou Versace, e seus casacos variavam desde os mais novos couros ecológicos até os veludos e camurças mais raros. O chefe não saía de casa sem dois anéis de prata nos dedos da mão direita e uma pulseira de couro marrom, ao lado de uma outra, já um pouco rasgada, rastafari – lembranças de quando tinha coproduzido o disco de um dos filhos de Bob Marley, na Jamaica. Era o membro mais importante e respeitado do projeto, mas também o mais temido. Sua exigência e mão firme eram conhecidas em todo o meio musical; com ele não tinha meias-palavras, além de não poupar uma só pessoa que

atravessasse o seu caminho. A música era sempre o bem maior e por ela valia tudo. Humilhar fazia parte de seu repertório, não por ser uma pessoa particularmente má, mas por não saber ser diferente. O poder, talento e a sorte o acompanhavam desde sempre e o deixaram bastante mal acostumado. Os músicos o veneravam; anos produzindo os maiores nomes da música brasileira, com um trabalho de uma sofisticação ímpar. Todo artista sonhava em ser produzido por ele, em ouvir um conselho, mostrar seu trabalho e estar em sua presença. Muitas mulheres ficavam seduzidas, pois não era só seu encanto e potência, mas a facilidade do seu ar descontraído. O grande diferencial era que ele chamava atenção para o seu próprio charme sem absolutamente nenhum esforço.

Ainda na van, Tom recebe um áudio.

“Fala Tom! Já chegou no teatro? Olha só, não esquece de checar a pedaleira, corda extra e guitarra reserva. No último show teve muita alteração de volume de um timbre para outro. Preciso que você regule essa porra!” – a voz de Otto, grave, com um sotaque paulista, aumenta a cada frase. Tom sente a pressão na mensagem e um calafrio – “Porra! Não é possível”, ele pensa, mexendo a cabeça para os dois lados. Eles já tinham conversado sobre isso ontem à noite, além do esporro que tinha recebido depois do primeiro show, ainda no *backstage*. Otto era o produtor musical, mas era músico também – seus instrumentos eram o baixo e a guitarra – e ele fazia questão de tocar no show. O projeto não precisava de mais um guitar-

rista, mas ele insistia. Tom não responde imediatamente porque chega ao teatro e precisa descarregar todos os equipamentos, além de precisar de um tempo para pensar no que ia responder.

No palco, ao começar a ajeitar o material, chega outro áudio para Tom. Ele nem escuta e já responde.

“Otto, cheguei agora. Tá tudo em cima. Pode ficar tranquilo” – ele diz, respondendo o produtor. O técnico volta a trabalhar, mas se questiona se respondeu o chefe da melhor forma.

No hotel, Clarice também não se livra do aperto. Ela está em pé, com as mãos na cintura, no restaurante onde Otto tomava seu café preto, sem açúcar, ao lado da namorada Ana Clara, uma jovem dentista de trinta anos. Cau passa mais de 20 minutos ouvindo *The Boss* reclamar de seu trabalho.

“Eu já te falei, Clarice, você confundiu os dias de nossas passagens para o próximo show em Curitiba. Não tô te entendendo, sendo que a Ana Clara teve que comprar a primeira passagem com o dinheiro dela porque você errou também. Eu quero esse reembolso, dá um jeito. Ela teve que sair do consultório correndo e comprar a passagem no taxi a caminho do aeroporto, isso não se faz. Você também errou a hora, minha secretária botou tudo no e-mail e mesmo assim vocês erraram, Clarice.” – Otto fala sem pausar, focado em não esquecer cada contestação. Cau já tinha ouvido tudo aquilo, e mais de uma vez – por e-mail e no telefonema com a secretária –, mas ouvia tudo com o rosto plácido; fazia parte do trabalho. Na

verdade, a Joia Rara nunca se propusera a pagar as passagens dos cônjuges dos artistas e não fez isso por ninguém, só pelo chefe. Não conseguiam dizer não para ele.

The Boss também era responsável por terem conseguido a participação de Brigitte, atriz brasileira negra, que tinha lançado um disco no ano anterior. Com apenas 22 anos, a artista estava em alta por ter feito personagens marcantes em novelas, e ganhado já alguns prêmios de melhor atriz. Além de excelente intérprete, Brigitte era linda e muito inteligente. Otto havia mexido seus pauzinhos, procurado um empresário que lhe devia um favor e pronto: Brigitte aceitou participar da turnê.

A jovem está sentada em uma espreguiçadeira de treliça azul-marinho, na piscina do hotel, ao lado de um imenso ombrelone da mesma cor. Com fone de ouvido, vestida com um biquini branco, ela mexe as pernas de um lado para o outro, fazendo um movimento para dentro e para fora, relaxando seu corpo. No fone toca “*The Show Must Go On*”, uma das três únicas canções que ela canta no show da turnê. Seus olhos estão fechados quando Otto chega para dar algumas dicas sobre a noite que os esperava.

Por volta das quatro da tarde – atrasados –, os artistas chegam no teatro para a passagem de som. Otto logo se dirige a Tom para se certificar sobre o que havia perguntado anteriormente. Ele não deixa barato: checa cada cabo e mesmo com tudo funcionando bem, dá um fora no técnico. Tom fica sem graça com a revolta gratuita do produtor.

Tom vê Brigitte chegar. A cantora sorri indiscriminadamente, entendendo que todos da equipe estão um pouco impressionados com sua presença ali; afinal, era apenas o segundo show. Ela se senta na primeira fileira da plateia – vazia – para esperar a vez das suas músicas. Cruza as pernas, mostrando seu *All Star* vermelho de cano alto, que curiosamente compõe muito bem com o macaquinho de linho amarelo que veste. Tom observa cada gesto e imediatamente lembra da única namorada séria que teve: Cecília.

Eles tinham apenas 16 anos e foi amor à primeira vista. Estudando na mesma sala de aula, logo se viram grudados. Ficaram amigos e em menos de um mês já tinham ficado. O namoro começou no mesmo dia em que deram o primeiro beijo. Compartilhavam os mesmos interesses, principalmente a música. Conversavam horas a fio sobre as bandas e músicos brasileiros de que mais gostavam: Mutantes, Tom Zé, Caetano, Raul e Vinicius de Moraes. O último era o favorito de Cecília, que amava recitar seus poemas. O casal namorou por dois anos, e seus amigos achavam que eles certamente se casariam um dia. A primeira vez de Tom foi com ela, e vice-versa. A paixão era forte: encaixou. Mas, quando os dois se formaram, o pai da Cecília decidiu voltar para a Itália. O italiano tinha sido casado com a mãe de Cecília por apenas dois anos e esperara a filha crescer para retornar ao país de origem. Era uma grande oportunidade para ela, que queria estudar moda e falava italiano bem. Tom e Cecília

passaram dois meses se despedindo: discutiam relação, choravam e dormiam abraçados. Não tinha como continuarem juntos. Na última semana de sua namorada no Rio, Tom dormiu todas as noites na casa dela e nunca esquecera a dor e a perda da noite fatal. Os dois dormiram nus, à luz de velas, depois de pintarem seus corpos com a letra do “Soneto de Fidelidade” de Vinicius. Na manhã seguinte, Tom saiu da casa de Cecilia ainda com o corpo rabiscado, com o poema, pela namorada. Passou um dia e meio sem tomar banho.

Brigitte não tinha como reparar em todos da imensa equipe que a rodeava e, acostumada a ser mimada por outros artistas, seu foco ia direto para Otto ou um dos artistas da turnê. Tom a observava do fundo do palco, atrás das cortinas. Achou-a tão bonita ao vivo quanto na TV, talvez até mais.

O show corre bem e, ao final, a produção organiza um evento na entrada do teatro. Garçons servem uma variedade de bebidas alcoólicas, buffet com camarão e lagosta; há música; é uma noite de autógrafos. Brigitte bebe champagne. Tom, com um copo de cerveja na mão, se aproxima da atriz-cantora. Quando ele toma coragem para falar com ela, Clarice chega – “Brigitte, o fotógrafo daquela revista que te falei precisa de algumas fotos, ok?”. A cantora não responde e Clarice percebe que ela está alterada de álcool. A produtora a leva para o quarto. Brigitte era daquelas jovens, no auge da fama, que não

sabia beber: ela logo ficava alta, bêbada ou incomunicável.

A turnê vai passando pelas outras oito capitais e é um sucesso. Durante esse período, os artistas se aproximam uns dos outros, até a Cau passa a trocar mensagens com Brigitte e iniciam uma amizade. Mas ninguém se mistura muito com a equipe técnica. São universos à parte, apesar de um depender tanto do outro.

Duas semanas depois do último show do projeto “Queen”, em São Paulo, toda a equipe se reúne na casa de um dos artistas no Rio. Os técnicos também são convidados. É uma grande confraternização em comemoração ao fim da turnê, mas não sem a esperança de logo conseguir fechar mais shows. Era uma noite de lua cheia, no Jardim Botânico, em uma casa no estilo grego com uma imensa escadaria branca na entrada principal. Brigitte chega mais tarde, já um pouco alegre e sozinha, vinda de outra festa. Por esse motivo, já não tem muita gente no evento. Dessa vez, ela logo percebe a presença de Tom, suas Doc Martens e o sorriso de menino.

Triste com o fim do projeto – e já pensando que tem que arrumar a próxima *gig* e que nenhuma será tão boa quanto essa –, Tom decide ir embora. Brigitte segue o técnico até a porta principal da casa. Ele logo sente que não está sozinho. Educadamente, Tom pergunta se está tudo bem e se ela precisa de alguma coisa.

“Oi... Eu tô pensando em ir embora...” – ela diz, tentando esconder qualquer interesse.

“Ok. Eu posso te levar, Brigitte. Você não tá morando em Botafogo?”

Brigitte não emite um só som, mas diz que sim com a cabeça. Tom percebe que ela tinha bebido, até porque já sabia de seu comportamento depois de toda a turnê. Tinha sacado que ela era fraca pra bebida e não a julgava.

Os dois entram no Pálio verde da mãe do Tom – que lhe emprestava o carro sempre que dava. Ele dirige devagar para que a moça não enjoie, mas também porque não acredita que está num carro com seu *crush* de adolescência. Não pode ser verdade. Quando ele para no primeiro sinal da rua Jardim Botânico, abre o porta-luvas e tira uma garrafinha d’água que tinha guardado do último voo, oferecendo para ela. Ela toma imediatamente e Tom acha que ela deu uma melhorada.

Na porta do prédio dela, o porteiro Pedro logo aparece. Tom tem dificuldade de tirar a famosa do carro e Pedro se aproxima, como se já tivesse feito isso antes. Ao ver Brigitte com o corpo relaxado, num ar de embriaguez, ele não se aguenta e diz:

“Mas de novo, Dona Brigitte?!”

Tom fica sem graça – mas ri por dentro – e entrega a garrafinha d’água de novo para ela. Ela bebe e eles entram no prédio. Tom decide entrar no elevador e levá-la até a porta de casa. Na porta, Brigitte está bem mais acordada depois da água; ela abre os olhos.

“Me dá um beijo, Tom?” – ela sussurra com sua voz aveludada.

Tom congela em choque. Ele não tinha ideia que Brigitte sabia seu nome.

No apartamento do lado, um adolescente ouve “*Under Pressure*”, no Spotify da TV da sala.

Eles se beijam.

RATAZANAS

João Senra

A Dra. Jaqueline saiu da sala de cirurgia perto da meia-noite. *Acho que ele vai ficar bem. Conseguimos limpar tudo. Apêndice supurado é sempre complicado.*

No caminho da sala de plantonista, viu dois pacientes dormindo em um corredor escuro. Um deles roncava em uma maca com grade. O outro era um tetraplégico totalmente apagado em sua cadeira, com a boca caída. Era um tipo de cena cada vez mais comum.

Lavou as mãos e o rosto e se deitou no sofá, exausta, torcendo para que não surgisse nenhuma outra emergência. Mas não dormiu. Estava preocupada. O antibiótico que havia prescrito para o paciente da apendicite não estava disponível. *Isso aqui está cada vez pior. Falta tudo. Nem lâmpada tem no estoque. E eles vão mesmo fazer a reforma do prédio: elevadores novos, piso de granito, janelas de vidro duplo. Não dá para entender!*

Mudou de lado, escapando do encosto do sofá. O sono a abandonara. O cansaço, não. A discussão que tivera com

o marido naquela manhã voltou a ecoar em sua cabeça. Era sempre a mesma coisa. Ele não queria que ela continuasse fazendo plantões noturnos. Queria ter filhos. E ela já completara trinta e nove anos.

Lembrou da conversa que tivera com sua mãe duas semanas antes da inscrição para o vestibular.

— Jaque, você resolveu se vai fazer medicina? A vida de médico é dura demais, filha. Pensa bem...

Na época ela hesitou. Tinha suas dúvidas, seus medos. Mesmo assim, foi adiante. O sonho de ser uma cirurgiã a impelia.

A Dra. Jaqueline precisava dormir, mas sua mente a mantinha desperta. Ora refazendo a agenda do dia seguinte, ora reencenando suas histórias. Recordou-se do dia em que saiu apressada da aula de anatomia e tomou um táxi para casa porque não estava se sentindo bem. Quando enfiou a mão na bolsa para pagar a corrida, tocou com um corpo estranho, roliço e frio, que lhe causou imediato asco. Saiu do carro chorando, abriu novamente a bolsa e viu o pênis enrolado em um filme plástico. Inicialmente descontrolada, pensou em jogá-lo no lote vago ao lado de sua casa. Mas se conteve. *Vou ter que devolver isso. É de um cadáver da escola. Coisa daquele imbecil do Chico, com sua turminha. E essa gangue pretende se formar em medicina. A minha vida pode ser bem difícil no meio dessa gente. Mas um dia eu formo e fico livre...* Nem nos seus piores pesadelos ela poderia imaginar que o Dr. Francisco seria o diretor do hospital onde viria a trabalhar.

Finalmente adormeceu. Acordou com o som do bip. Ainda estava meio dormindo, meio sonhando. — *Jaque, desista dessa ideia de cirurgia geral* — dizia sua colega no sonho. — *Isso é peso-pesado. Não é para nós. Escolha uma coisa mais leve.*

Eram quatro e meia da manhã. Levantou-se cambaleante, bebeu água da torneira da pia e foi ao encontro da nova emergência.

Ao passar pelo corredor, onde dormiam o tetraplégico e o homem na maca, ouviu um ruído incomum ao fundo, vindo do lugar em que estava o cadeirante. Aguçou o ouvido. O som lembrava alguém serrando madeira ou roendo um osso. O local estava mal iluminado. Aproximou-se, intrigada, a tempo de ver uma enorme ratazana se afastar correndo. Pingava sangue do que restara do pé do tetraplégico.

A AMANTE

M D Senna-Prime

- Mas todos se casam com gente da mesma igualha. É muito diverso disso de casar-se com um peixe.(...)

- E que tem isso? A Emília, que é uma boneca, não se casou tão bem com Rábicó, que é leitão? Acho as suas ideias muito atrasadas, vovó...

Monteiro Lobato, Reinações de Narizinho, p. 120

Quanto tempo? Não sei. Diariamente fui tratada mal, e isso durou meses, anos. Mas não foi por vingança que tudo começou. Não, nunca quis me vingar dela. Foi amor por ele. Sempre. Amor pelo seu cheiro peculiar, difícil de descrever. Amor por suas manchas e rugas, que muito bem resumiam sua trajetória por essa vida. Mesmo depois de tanto tempo juntos não me canso de tocá-lo, acariciá-lo. Eternamente.

Frequentei a mesma escola da mulher dele. Não diria que fomos amigas. Éramos crianças e lembro que Mercedes não gostava de ler. Ou talvez mascarasse difícil-

dades em aprender dessa forma, dizendo que a palavra impressa era uma perda de tempo. Naquela época ela não era bonita, mas cresceu e, com os muitos recursos financeiros da família, ficou atraente. Os cabelos tratados e bem vermelhos agora eram interessantes, bustos fartos e naturais, cintura e barriga esculpidas pelo cirurgião plástico da moda. Eu continuava magra, alta, loura, peitos ainda pequenos, mas perfeitos pra ele repousar depois de eu ler em voz de acalanto pra nós dois.

Mercedes continuava tendo o mesmo talento pra despertar sentimentos ruins em quase todos à sua volta, sempre publicando fotos nas suas páginas de redes sociais, *selfies* em bares e cafés de diversos lugares do mundo: ela sentada com o paraíso ao fundo e um livro sobre a mesa à frente. Eu nunca invejei nenhuma outra pessoa nessa vida, somente Mercedes – primeiro pelas vantagens que a profissão do pai lhe proporcionava e depois pelo companheiro.

Lembro-me do dia que o vi pela primeira vez. Estava olhando a vitrine de uma livraria num shopping center quando Mercedes saiu dessa loja, mãos nas costas dele, acariciando a jaqueta de couro gasta que iria ser pra mim sua marca registrada. A jaqueta exalava um cheiro almiscarado e curtido e dava a ele ares de James Dean. A atração foi imediata e com dificuldade desviei os olhos. Mercedes me cumprimentou, perguntou como eu estava como se fôssemos próximas, mencionou que a loja era mais uma do pai e saiu alegando estar atrasada para uma

reunião de trabalho. Acompanhei-os com um olhar de cobiça que não experimentava há anos.

Não muito depois o correio trouxe um convite de Mercedes para um lançamento na loja do pai. Não sabia se Mercedes o levaria com ela, mas não podia perder a oportunidade de vê-lo de novo no evento. Imaginei ele olhando pra mim, se abrindo, tornando-se íntimo, meu. Queria ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. Mas não queria julgá-lo somente pela aparência – precisava prová-lo e me deixar ser envolvida por suas histórias, suas conversas, seus carinhos.

No dia do evento Mercedes não o levou consigo. Como que casualmente perguntei por ele. Mercedes fingiu surpresa, não entendendo meu interesse, e simplesmente disse que ele era dela, sim, de um jeito cheio de descaso mas mesmo assim possessivo. Ele era dela.

Outros convites chegaram e eu os aceitei todas as vezes, na esperança de revê-lo. Mercedes estava sempre ocupada, transitando entre funcionários e convidados, mas sozinha, sem ele. Embora alguns tenham dito que os convites eram um cachimbo da paz, prova da maturidade alcançada, eu sabia que eles eram nada mais do que iscas no anzol. Mercedes era cruel e queria era fazer propaganda do seu sucesso.

E então, quando uma nova viagem foi compartilhada pelas redes sociais, numa hora que sabia que ela não estaria em casa fui até lá. Foi fácil convencer o porteiro de que eu era uma parente e que precisava das chaves

deixadas pra mim. Entrei no apartamento como a menina e adolescente que fora, numa antecipação sem fim, mas meus próprios pensamentos tentaram enfraquecer minha esperança de alegria: e se ele tivesse viajado com Mercedes? No entanto, não o tinha visto em nenhuma das fotos compartilhadas por ela. Dessa vez as fotos mostravam pessoas, praias e mesas de bar com copos elegantes de coquetéis coloridos.

Eu o encontrei no escritório junto a livros-enfeite. Ele numa cadeira de metal, majestoso. Nos olhamos. Seu cheiro sedutor, um cheiro ora floresta verde e viva, ora madeira seca em dia quente proporcionando sombra, porém, mexeu com a minha respiração. Nos tocamos pela primeira vez. Não tentei esconder minha excitação. Ele sorriu pra mim e sussurrou palavras combinadas com tal brilhantismo que o orgasmo foi fácil e pleno, felicidade clandestina.

Fui uma criança boa, mas não tive a mesma sorte de Mercedes que nasceu em berço de ouro. Cresci numa família reta – nunca roubamos. Mas... olho para trás e vejo a semente da cobiça, plantada num sítio no passado, tornando-se árvore grande, sólida, enraizada. E ele, como James Dean, percebeu-me toda e acendeu minha rebelião. Ele era único. Fomos embora juntos.

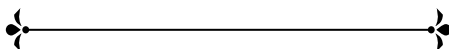
Para os que julgam loucura essa paixão por um ser que pensam inanimado, não dou atenção. Não me importo com os comentários. A vida e o gozo que ele me proporciona são testemunha da sua alma. Não foi por isso

que nos mudamos pra longe. Nos mudamos pra poder comungar com a origem de tudo. Numa casinha branca moramos. Quem passa na estrada e me vê na varanda com ele no colo deve seguir pensando que é triste viver assim. Muito se enganam.

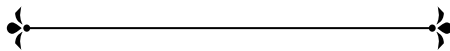
ECLIPSE LUNAR

Nicole Ayres

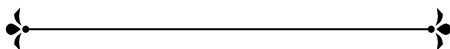
5 da manhã. O despertador toca com o canto dos pássaros. Júlia boceja. Se espreguiça e levanta devagar, de lado, pra não agredir o corpo. Vai ao banheiro, lava o rosto. Volta pro quarto, arruma a cama. Estica seu tapete de yoga. Pratica alguns *asanas* durante cerca de quinze minutos. Medita por mais dez minutos. Vai pra cozinha. Corta maçã e banana pro café. Mistura com iogurte grego. Faz um chá de ervas mistas. Só depois de se trocar é que verifica o celular. Vê que tem mensagem nova no Tinder. É do último cara com quem deu *match*. Gabriel, o nome. Gatinho. Tem uma tatuagem com a palavra “fé” no braço. Meio clichê, mas até que ela gosta. Na descrição, dizia que ele curte esportes e boa conversa. Vamos ver. Ele mandou apenas “Oi”. Então resolve ser sucinta também. “Olá. Td bem?” Vê as outras mensagens, checa as redes sociais e liga o PC pra trabalhar.



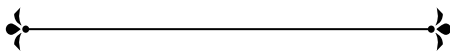
4 da manhã. Jogo encerrado por hoje. Avisa o pessoal que amanhã tem mais e desliga o PC. Gabriel toma um banho, escova os dentes, se arruma pra dormir. Antes, pega o celular pela última vez. Vê que Júlia respondeu sua mensagem. Não a achou tão bonita na foto, mas gostou da descrição. Era um poema de Drummond. Devia ser culta. Gosta de mulher “cabeça”. E meio misteriosa também, porque não fala quase nada dela. Teria que conversar pra descobrir. Agora, precisa pensar num contexto pra continuar a conversa sem ser tão óbvio como aqueles que perguntam “E aí, buscando o que por aqui?” ou “Que séries você gosta?”. Pensa em comentar sobre o poema. Assim mostra certa cultura também. “Gosta de poesia? Tb curto Drummond.” Nem arrogante nem óbvio demais. Pronto. Bota o celular pra carregar. Boceja e se espreguiça. Apaga as luzes e deita pra dormir.



10 da manhã. Pausa do trabalho. Júlia pega o celular. O bonitinho respondeu. Ele gostou do poema. Bom sinal. “Curto bastante poesia. Sou escritora. E vc?” Levanta e vai pegar um café. Saboreia seu espresso na varanda enquanto olha a paisagem. Tem sorte de morar de frente pra uma floresta. Desses apartamentos modernos, normalmente só se vê prédio. Mais quinze minutinhos e volta ao batente. Termina o café. Se espreguiça. Retorna ao escritório.

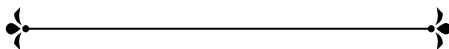


Meio dia e meia. O despertador toca, insistente. Gabriel coloca em modo soneca por 5 minutos, como sempre. Esses cinco minutinhos são o melhor do sono. Depois, não tem jeito, precisa levantar. Sai da cama em um pulo, senão não acorda mais. Toma um banho quente, com a água quase queimando a pele, do jeito que gosta. Sai do banheiro, se veste e pega o celular. Tem mensagem da moça do Drummond. Não lembrava o nome dela. Responde: “Legal! Tb sou artista. Artista plástico”. Anexa uma foto da sua última pintura. “E vc escreve sobre o quê?” Engole um café rápido. Vai pro estúdio trabalhar.

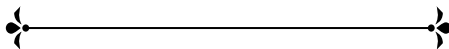


4 e meia da tarde. Fim do expediente. Júlia desliga o computador e suspira. Dia puxado. Reuniões com editoras podem ser mesmo estressantes. Faz um lanche tranquilo, com pão integral, requeijão *light*, queijo minas e suco de laranja integral. Ouve música ambiente. Lê no sofá enquanto faz a digestão. Checa o celular. Mais mensagens do Tinder. Digita pra Gabriel: “Gostei do seu trabalho! Mt bonito. Vc vende? Eu escrevo ficção especulativa. Tipo ficção científica, fantasia, etc. Agora ando pesquisando sobre a população indígena no Brasil pra um

novo livro. Encomenda”. E vai tomar banho. Morno, como gosta, pra relaxar.

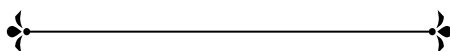


6 da tarde. Pausa pro lanche. Gabriel busca um biscoito salgado no armário e toma mais uma caneca de café. Fica zapeando a TV enquanto come. Só bobagem passando. Coloca uma série no *streaming*. Dá pra ver um episódio. Ok, talvez dois. Não mais que isso, porque precisa terminar aquele quadro. Foi encomenda e o prazo está apertado. Termina de ver a série e verifica o celular. Júlia respondeu. Manda de volta: “Que bacana! Difícil ver mulher nesse gênero. Parabéns! Poxa agora fiquei curioso. Vou ter que procurar um livro seu. Qual vc me recomenda? rs. E sim, eu vendo, sim. Tb faço estampa pra agenda, caderno, essas coisas. Mas me fala, o q uma mulher interessante como vc tá fazendo aqui no Tinder? Veio buscar ideias pros seus personagens? Pq opções pra sair ã devem te faltar rs”. Caramba, que cantada ruim! Agora nem dava mais pra apagar. Não estranharia se fosse ignorado. Mas vamos ver. Vai que, né?

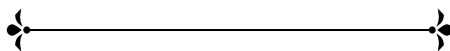


8 da noite. Hora da janta. Uma sopinha leve de creme de espinafre. Ouve um podcast com as notícias do dia na

sua Alexa. Lava a louça, porque não gosta de deixar acumular. Escova os dentes logo. Checa o celular pela última vez no dia. Vê a mensagem de Gabriel. Até que achou graça na cantada barata. Já tinha encontrado tanta merda naquele aplicativo que aprendera a valorizar qualquer um que pelo menos soubesse conversar. Responde: “Depende, do que vc gosta? Se for de ficção científica, recomendo o meu primeiro livro, *O Som da Máquina*. Se for de horror, *Garras de aço*. E, bem, estou sempre buscando ideias pros personagens. Qualquer pessoa que conhece um escritor pode virar personagem rs. É o risco. Me mostra mais das suas pinturas, achei bem legal”. Vai ler mais um pouco, na cama, até pegar no sono.



10 da noite. Daqui a pouco começa o jogo. Conversa com os amigos online. Ficam falando besteira até todos chegarem. Aproveita pra olhar o celular. Ufa, que bom, ela respondeu. Parece ser tímida, que fofa. Resolve partir pra ação: “Vou procurar os livros, valeu :) Olha, se vc topar... A gente podia sair nesse fds. Ver uma exposição, o q acha? Trocar umas ideias... Diz aí o q acha. Bjs”. E anexa mais algumas fotos de trabalhos seus.



Três dias depois. 11 da manhã. Júlia leva a bandeja até o quarto. Acorda Gabriel com cócegas. Ele resmunga. Boceja, recosta e vê a bandeja. “Café na cama? Que chique.” “Não se acostume.” Os dois comem juntos, enquanto conversam sobre trivialidades. O gato passeia pelo chão do quarto. “Eu tenho um cachorro”, ele comenta. Curioso. Nunca pensou que se envolveria com alguém tão diferente, mas, ao mesmo tempo, com tantas afinidades. Talvez não fosse tão ruim, afinal. Pelo menos a conversa era boa. E não só a conversa... Júlia olhou pela janela. Aquela noite era de eclipse lunar. E eles já tinham combinado de ver juntos. Até lá, aproveitariam bastante a tarde, o período do dia em comum entre os dois.

OSSOS DO OFÍCIO

Paulo Zan

Hoje amanheci sem voz pela primeira vez. Mas, de todo modo, não adianta chorar pelo que não tem resolução. Vou tomar prejuízo, isso é fato; às vezes é melhor tirar um dia para descansar o corpo e a mente. Se eu adoecer mais, só vai me dar mais prejuízos.

Olha o carro do ovo, olha o carro do ovo, olha o carro do ovo.

Todos os dias, vou passando com a Kombi branca, modelo 1983, pelas ruas da capital de todos-os-santos. Dentro dela: caixas e mais caixas abarrotadas de ovos. As pessoas pensam que sou eu mesmo, ou minha família, quem cata esses ovos de manhã para sair vendendo. Mas não tenho granja, não teria condições nem experiência, no momento, para manter uma granja; por mais que esse seja meu sonho, sou realista.

Eu tenho um fornecedor que todos os dias no fim da tarde me traz novas caixas. Ele encosta seu caminhão-baú na frente da minha casa, o sol já ensaiando se des-

pedir, e descarregamos. Deixo tudo na garagem até de manhã, quando finalmente, junto com minha mãe e meu primo, coloco as caixas dentro da Kombi, testo os meus alto-falantes e sigo pelas ruas com meus bordões.

Olha o carro do ovo; ovos graúdos, ovos de qualidade; ovos do tamanho de um coco.

Eu sempre dava uma risadinha quando dizia essa última parte, mas me acostumei. É para fazer graça. Sei que as pessoas se divertem imaginando um ovo do tamanho de um coco. Acho que se esquecem de que existem cocos de todos os tamanhos.

Ovos selecionados, ovos de qualidade.

Cada caixa de ovos, porque compro em bastante quantidade, sai para mim por 15 cruzados novos, e revendo por 25. A margem de lucro é boa, não estou reclamando, mas realmente é muito trabalhoso. Eu vou passando pelos bairros até vender tudo. Só volto para casa quando não resta mais nenhuma caixa no carro.

Começo aqui pelo Engenho Velho da Federação mesmo, onde moro. Depois desço para as bandas de Ondina, pelo Alto da Sereia. Sigo pela parte da orla, até a Pituba e de lá pego o sentido da ACM, até a Rótula do Abacaxi. Geralmente, quando chego ali, subo a ladeira do Cabula e, depois de almoçar meu marmitex, vou passando pelos bairros da região do Cabula VI e do Cabula IV, até acabarem as caixas, normalmente já para os lados da Mata Escura. Aí eu retorno para casa. Isso já é quase fim de tarde.

Quando chego em casa, é o tempo de tomar um café e já me aparece o caminhão com os ovos do dia seguinte.

Todos os dias esse mesmo esquema. Só dia de terça que tiro uma folga. Aproveito para resolver minhas pendengas. Mas no resto da semana é tudo igual. Minha garganta chega a doer às vezes. Já me recomendaram levar uma garrafa de água com uns pedaços de maçã e um pouquinho de canela, que é bom para limpar a garganta. Mas sempre esqueço. Não tenho o costume de comprar nem de comer frutas, então fica difícil de lembrar. Alguns amigos também já me disseram que seria melhor eu comprar um toca-fitas e gravar minha voz para ficar tocando o dia todo. Deus me livre! Eu iria enlouquecer com uma fita tocando minha voz e as mesmas coisas o dia inteiro. Prefiro o microfone e os alto-falantes. Assim eu posso variar um pouco as coisas que falo. Além do mais, um toca-fitas deve ser caro demais e meu dinheiro não é para luxo. Preciso juntar o máximo que puder para arrumar a casa da minha mãe e, quem sabe um dia, finalmente conseguir montar uma granja.

Às vezes me ocorrem alguns problemas, de fato. Já aconteceu de furar pneu e não ter estepe. Tive que largar o carro num canto, ali perto do 19 BC, botar o macaco para suspender, tirar a roda e seguir caminhando até a borracharia mais próxima, aquela da entrada do São Gonçalo do Retiro, para colar e depois voltar para seguir viagem. De outra vez, a gasolina estava quase acabando e eu achei que dava para chegar no posto. Mesmo esquema. Fui ca-

minhando até o posto mais próximo, eu parei na rótula e fui naquele posto que tem ali perto da bifurcação da entrada do Pernambués, e peguei um galão de gasolina.

São ossos do ofício.

REINAÇÕES E OUTROS PRAZERES

Tassia Accioly

Eu, aos 13 anos, já sabia desde muito tempo o que significava me sentir inadequada. Mirava o espelho do quarto, vendo como as roupas me apertavam em lugares incômodos e me sentia inchada, uma balofa; um sentimento que era confirmado pelas pessoas à minha volta, inclusive minha mãe.

Minha mãe, de fato, era a primeira a dizer que eu deveria emagrecer, que deveria comer menos. Fazia horripilantes misturas líquidas para que eu bebesse ao invés da comida. Batia manteiga e fígado em um líquido viscoso e me dava para beber com chá de boldo e limão; além de uns chás amargos que me faziam ter dores de barriga por horas. E eu bem sei quantas noites eu passei acordada visitando a louça e torcendo para que no dia seguinte minha mãe não me acordasse com outro copo viscoso para o desjejum.

Haviam dito a mim por tantas vezes que eu deveria emagrecer, que não encontraria um marido se conti-

nuasse daquela maneira, que mulheres precisavam demonstrar parcimônia e comedimento, e, gorda daquele jeito, os homens nunca me veriam como uma boa esposa.

No entanto, ninguém nunca me havia perguntado se queria um marido, se queria ser comedida e parcimoniosa; se queria me encaixar no molde. Não estavam preocupados com isso, estavam preocupados em forçar o molde em mim, mesmo eu claramente não me encaixando nele.

Nessa época, já não me esforçava tanto mais para atender às constantes demandas de minha mãe para que fizesse exercícios e comesse saladas. Preferia ler livros, escutar as radionovelas ou assistir a Ginger e Astaire no cinema flutuando pela tela. Sonhava com os olhos abertos como seria viver em um filme glamouroso como aqueles; como seria flutuar; e dançava sozinha no quarto tentando repetir as palavras em inglês que não sabia o que diziam.

Toda sexta meu pai me dava algumas moedas como forma de me incentivar a aprender a poupar. Ele havia economizado a vida inteira para comprar uma pequena livraria no centro, mas a inflação não havia permitido. Assim, sem condições de comprar ele mesmo, começou a trabalhar na livraria do Senhor Pysmenic, um senhor idoso e rabugento, que, após alguns anos, deixou o balcão e se aposentou, passando ao meu pai o trabalho de tomar conta dela. A livraria era do Senhor Pysmenic, mas meu pai cuidava como se fosse dele próprio, chegando muito cedo e saindo muito tarde, limpando e cuidando de cada livro como se fosse seu bem mais precioso e poupando

seu salário para pagar as prestações da casinha em que havia dado entrada com o dinheiro guardado.

Eu, como tudo já o indicava, não sabia praticar comedimento – ou poupar dinheiro –, então aos sábados pela manhã ia à mercearia próxima de casa e comprava todo o dinheiro que meu pai havia me dado em balas de coco. Balas essas que guardava muito bem guardadas em meu quarto e comia na calada da noite sem que ninguém nos visse. Quando me sentia especialmente aventureira, arriscava comprar um bolo de rolo ou um Souza Leão, que comia de uma mordida só, antes mesmo de chegar em casa – e que, anos depois, já mais velha e saudosa de Recife, encontrei em São Paulo um parecido que chamavam de bolo de aipim.

No colégio também me sentia deslocada. Os meninos faziam graça de mim por ser gorda e usavam bolas para fazer as vezes do meu busto, que havia se desenvolvido mais do que o do resto das meninas, que, na época, não queriam falar comigo pois me achavam esquisita. A verdade era que eu me sentia esquisita, e cada dia mais; com a recém instauração do Ministério da Educação, tudo tinha mudado nas escolas e agora nós tínhamos que fazer exercícios também no colégio, o que me fazia sentir ali que estava ainda mais fora de meu elemento.

Minha barriga me incomodava, meu busto me incomodava, eu sentia que tudo balançava quando me faziam correr ou que por ser gorda não conseguia fazer as coisas direito, e tinha vergonha de fazer exercícios na frente da

turma. Além de tudo, me deu de nascer tímida e me custava muito criar coragem para me juntar aos grupinhos do colégio, de forma que acabava sempre sozinha assistindo de longe às meninas brincando nos intervalos das aulas.

E foi assim, assistindo às meninas, que aos poucos percebi que por dentro já não me bastava apenas assistir: queria estar lá com elas. E de repente me peguei desejando que olhassem para mim como começavam a olhar para os meninos no pátio da escola. Acabávamos de entrar no ginásio nessa época e as meninas começavam a demonstrar interesse nos meninos mais velhos. Riam-se todas quando eles passavam de camiseta, imaginando como seriam por baixo daquilo. Havia ouvido pela tia de uma delas que no novo filme do Clark Gable havia uma cena onde tirava a camisa e não havia camiseta por baixo; as meninas coravam só de imaginar.

Eu me sentia diferente frente à comoção causada por aquilo tudo; nada daquilo me chamava a atenção. Nos meus sonhos escondidos eu via a menina de cabelos louros vindo em minha direção, sorrindo e me pedindo para passear com ela na praça, quem sabe ir ver um filme no cinema? Eu queria sentir a textura da sua mão e o cheiro do seu cabelo. Mas isso nunca ia acontecer. Além disso, ela e as amigas me haviam chamado de gorda, ferrugem e outros adjetivos maldosos muitas vezes antes, e eu não sabia como responder aos insultos senão me afastando.

Certo dia, próximo ao meu aniversário, meu pai trouxe da livraria um pacote de papel pardo. Em ocasiões es-

peciais meu pai se esforçava para comprar algum livro especial pra mim, que, no dia do meu aniversário, colocava em cima da minha cama pra que eu acordasse com o presente. Era um ritual que criamos quando ele começou a trabalhar na livraria. Alguns livros eu devorava na mesma semana em que chegavam, outros guardava e lia de pouco em pouco, com medo de acabar muito rápido.

Quando acordei na manhã de meu aniversário abri o pacote com delicadeza, como uma mãe que despe seu bebê, e ali na minha frente surgiu uma oportunidade de me aproximar das outras meninas, talvez até da menina loura. Poderíamos ser amigas talvez?

Naquelas épocas havia pouquíssimos livros infantis, e os que havia eram muito caros. O livro em minha frente devia ser caríssimo. *Reinações de Narizinho* tinha sido lançado alguns anos antes e muitas meninas, como as do ginásial, estavam à espera de que alguma delas ganhasse o livro para que todas pudessem ler. Seria a minha chance.

No mesmo dia, na escola, avistava as meninas de longe e respirando fundo criei coragem de me aproximar do grupo. Segurei a respiração talvez com medo de que elas percebessem que eu estava ali e, primeiramente em uma voz tão baixa que ninguém escutou, disse que tinha ganho *Reinações de Narizinho*. Elas continuaram conversando, sem dar bola nenhuma para mim. Tentei um pouco mais alto, equiparando minha voz à delas e, como se houvesse dito que algo horrível tivesse acontecido, todas olharam para mim de supetão. “O quê?”, disse a loura;

“Meu pai me deu *Reinações de Narizinho*. Eu posso emprestar se vocês quiserem”.

O alvoroço que se seguiu foi maior do que eu imaginei. As meninas falavam todas ao mesmo tempo e me senti engolida por elas sem entender uma só palavra do que diziam. Eu tentei falar qualquer coisa em meio à confusão de gritinhos e falas excitadas, mas por um momento pareceu-me que não iam se calar nunca. Brigaram entre si para ver quem pegaria o livro emprestado primeiro; e, sem chegar a uma conclusão, pediram a minha opinião. Na hora só conseguia pensar na menina loura à minha frente brigando por minha atenção. Não era bem por mim que ela brigava, mas eu sentia como se fosse; naquele momento o livro era uma extensão de mim, e, se brigava por ele, brigava por mim também. Disse que ela poderia ser a primeira a ficar com o livro e assim que terminasse apontaria outra menina.

O brilho em seus olhos e o seu sorriso naquele momento ficaram guardados em mim por muitos anos depois daquele dia. Ela me deu um abraço apertado, nem se lembrando das atrocidades que, mesmo no dia anterior – eu tinha ouvido sem querer – tinha dito de mim.

Ocorreu-me depois que se lhe entregasse o livro, assim de imediato, esse poder que exercia sobre ela e conseqüentemente o nosso contato cessariam e já ali decidi prolongar esse momento o máximo que conseguisse. Decidi atrasar a entrega do livro; pedi-lhe que fosse à minha casa na tarde do dia seguinte, que então já teria

o livro pronto para entregar-lhe. Assim, divisei meu plano inteirinho: no dia seguinte, sábado, quando viesse à minha casa, diria a ela que outra amiga já havia passado pela manhã e pegado o livro emprestado, que voltasse no dia seguinte. No dia seguinte, diria que o livro ainda não estava em minha posse, que viesse no dia seguinte. E seguiria inventando desculpas até que se cansasse; aí então lhe entregaria o livro.

Nos dias que se seguiram, as meninas da escola tentavam sempre estar “de bem comigo”. Já não faziam piadas sobre mim e até me defendiam quando algum menino falava coisas maldosas sobre o meu busto ou a minha barriga. O poder que um simples livro podia exercer nas pessoas e na dinâmica social era fascinante; me deu apenas mais vontade de manter aquilo por quanto tempo eu conseguisse. Na época, no entanto, não me ocorreu que após uns poucos dias desse vai e volta, como não entregava o bendito livro, surgiria entre as meninas um boato de que não existia livro nenhum, de que fazia aquilo apenas para estar entre elas.

Não estavam de todo erradas, mas sentia o poder de ter aquele livro se esvaindo aos poucos, precisaria entregar o livro à loura logo, ou também pararia de ir à minha casa todos os dias. E como eu gostava de vê-la implorar por minha atenção, como ficava bonita com as sombras que se formavam em seu rosto quando a luz do sol passava entre as folhas da árvore do portão de minha casa. No final daquela semana prometi a mim mesma que só o faria

mais uma vez, mais um último dia para vê-la no portão de minha casa silenciosamente implorando pelo livro e por minha atenção; as folhas brincando em seu rosto.

No fatídico dia ela apareceu como tinha feito em todos os dias anteriores e bateu no portão. Eu atendi já pronta para dizer-lhe que o livro não estava comigo ainda, quando me lembrei que tinha decidido terminar com a brincadeira, era a minha chance de me fazer a salvadora da pátria e ganhar sua amizade pelo menos. Porém, também Deus estava para pregar uma peça naquele dia e quando atendi ao portão, minha mãe veio logo em seguida perguntar quem era.

Expliquei que a loura estava lá para buscar um livro. Ela olhou para a cara da menina – que naquele momento era uma mistura de raiva, desamparo e impotência com uma pitada de esperança que surgia com a presença de minha mãe – e muito educada, perguntou que livro estava ali para buscar. Sem pensar duas vezes, a loura respondeu: *Reinações de Narizinho*, e acrescentou: “Sua filha me prometeu, mas toda vez que venho parece que ela já emprestou para outra pessoa”.

Minha mãe olhou para mim em confusão: “Mas esse livro nunca saiu dessa casa! Está na sua mesa de cabeceira desde que ganhou de seu pai”. Eu não sabia o que dizer, naquele momento me faltaram todas as palavras, havia sido pega com a boca na botija, e só me restava confessar. No meu silêncio, minha mãe foi até o quarto,

pegou o livro e o deu na mão da menina dizendo: “Pode ficar o tempo que quiser com ele”.

A felicidade da loura era tamanha que ela não conseguiu nem falar nada. Fez um sinal de afirmativo com a cabeça, agarrou o livro em seus braços e saiu saltitando pela rua. E eu fiquei ali, na soleira do portão, vendo minha última chance de me aproximar dela indo-se embora enquanto no fundo da minha mente eu já conseguia sentir se apossar de mim a hesitação de virar e dar de cara com minha mãe e a bronca que se seguiria.

UM ROSTO FAMILIAR

Thais Giardinieri

18h, final de expediente. Depois de mais um longo dia de trabalho e minhas pernas latejarem o tempo todo. Do trabalho até minha casa ainda preciso caminhar um pouco. Agora, já me encontro na metade do caminho. Parece um enorme sacrifício dar um passo; por isso, vou arrastando meus pés. Olho o relógio. Mais cinco minutos. Aqueles poucos minutos sempre demoram muito a passar.

Enfim, chego na entrada do meu prédio. Edifício antigo, centenário, caso eu não esteja enganado; mas com algumas reformas. Abro o primeiro portão com certa força. Entro e subo mais ou menos uns cinco degraus que dão para o outro portão, esse com alarme. Dou boa noite ao porteiro, ele responde o mesmo e aperta o botão, liberando meu acesso ao prédio.

Caminho uns poucos metros para chegar à frente do elevador. Olho as escadas ao lado que também chegam até meu andar. Moro no sétimo; então, dependendo do

dia, eu subo de escada para o meu subconsciente ter a impressão que eu estou fazendo algum exercício. Algumas vezes, eu faço isso. Mas não hoje. É sexta, quase fim de semana. Mereço um descanso.

Aperto o botão do elevador e aguardo a chegada. Enquanto isso, alguém vai se aproximando. Estou de costas, não percebo quem é. Quando o elevador chega, abro a porta e seguro, de forma que a pessoa que está atrás de mim entre. Quando me viro nesse movimento, consigo ver uma mulher de cabeça baixa. Ela é menor que eu; deve ter mais ou menos 1,60m, com cabelos pretos longos, bem abaixo dos ombros. Sua pele é bastante branca, como se nunca tivesse ido à praia. Usa um vestido marrom surrado e um tênis com um rasgo em um dos pés.

Sinto no seu passo o mesmo arrastar das minhas vindas do trabalho. Esbarra em mim; parece estar meio perturbada. Olha para o chão, e, após o toque, pisca e tem uma espécie de espasmo, como se estivesse acordando. Por fim, se encaminha para dentro do elevador.

Entro logo em seguida e fecho a porta. Mantenho-me ao lado direito. Levo minha mão até os botões e aperto o sete. Nisso, de costas para ela, viro minha cabeça levemente à esquerda e pergunto à mulher:

— Para qual andar você vai?

Permaneço na mesma posição aguardando a resposta. O silêncio invade o lugar junto a um cheiro estranho que

sobe por ali, similar a mofo. Coço o nariz e, com as mãos, tento espantar aquele odor. Quando, enfim, ela responde:

— 12, por favor.

Eu observo o elevador enquanto estamos ali dentro. Penso em como um edifício tão antigo como aquele ainda não havia sido reformado por completo, como sua mobília e o elevador. Desde os botões até a porta, tudo era bem velho. As paredes têm uma cor meio amarelada. As grades ainda são aquelas cruzadas de metal. Estranhamente, as grades pareciam ter envelhecido décadas desde a última vez que usei o elevador. A porta tem uma pequena janela retangular vertical no canto esquerdo, por onde tento observar os andares que passam. Olho para o lado e decido puxar assunto com a mulher para chegar mais rápido ao meu destino.

— Você é moradora nova? Nunca te vi por aqui...

— Não...

— Bom, é que nunca costumo ver ninguém mesmo... Mas prazer, Leonardo. O seu nome é?...

Ela não me responde. Aquilo me deixa incomodado, mas tento não a importunar, afinal, pode não querer conversar com ninguém. Continuo olhando para a porta. Quero chegar logo em casa, mas meu andar não se aproxima de jeito nenhum. Parece que eu estou nesse elevador minúsculo há vários minutos. Começo a suar pelo rosto todo. Minha respiração começa a acelerar. Sinto meu coração disparado e um certo incômodo no peito. Sinto um

ar gelado. O lugar ficou extremamente frio. Estranho, já que não há nenhuma corrente de ar pra isso acontecer. Tento outra vez puxar conversa para me distrair desse nervosismo. Viro um pouco a cabeça, dessa vez olhando para ela diretamente, para iniciar outro assunto.

— Esse elevador demora, né? Não chega nunca...

— Às vezes até dá algum problema nesse meio tempo.

— Puxa, ainda bem que nunca aconteceu comigo.

O silêncio se instala no lugar de novo. Dessa vez, depois de um pico de luz o elevador trava entre um andar e outro. Seguro-me na parede. Fica tudo escuro como breu. Não consigo enxergar nada. O que me deixa ainda mais inquieto nesse mínimo espaço em que estamos. Minha respiração fica ainda mais ofegante. Agora, meu coração parece pular do meu peito. A luz ameaça voltar, mas bem fraca. Tento esticar o braço e alcançar a mulher pra verificar se ela está bem, mas só consigo sentir o ar e minha mão não chega até ela.

Enfim, a luz volta por completo. Sinto uma certa pressão como se o elevador fosse pra baixo. Deve ser pela volta brusca, penso. Mas ele começa a descer, provavelmente iremos voltar ao térreo. Que saco. Volto meu olhar a ela, que se encontra imóvel e com o rosto baixo; como se só eu tivesse passado por aquela situação. Então, enquanto mantenho o olhar na moça, lembro-me de já a ter visto antes.

— Sabe, olhando pra você agora... acho que te conheço de algum lugar por aí. Nós já nos vimos?

— Acredito que não.

— Aposto que sim. Eu não esqueço um rosto, sou bom com fisionomias. Qual o seu nome mesmo? Um silêncio invade o lugar de novo. Ainda não consigo reparar muito bem em seu rosto, já que ela permanece com a cabeça um pouco baixa boa parte do tempo. Eu continuo naquela mesma posição, olhando-a. Dessa vez, é meio constrangedor, já que a mesma para de falar do nada quando eu estou tentando manter um contato direto. Agora, reparo que a mulher parece estar mais branca do que antes. Aproximo-me. Não preciso nem dar um grande passo já que o elevador é meio estreito. Toco seu ombro. Quando minha mão entra em contato com sua pele, sinto como está bastante fria.

— Olha, moça, você tá bem? Parece bem pálida. Aconteceu algo?

Ela, então, vira para mim. Encarando-me. Olha bem nos meus olhos pela primeira vez. Já vi aquele rosto em algum lugar... Continuo olhando de volta. Eu quero me lembrar de onde... Lembro vagamente de um noticiário na TV... Como era mesmo? Forço os olhos tentando me lembrar. Lembro-me de uma reportagem no telejornal. Estava no trabalho quando ouvi um tumulto entre os funcionários e pareciam perplexos. Era sobre uma mulher que caiu no poço do elevador de forma absurda. O elevador, de um prédio residencial, tinha sido desligado

para manutenção; o corpo foi encontrado semanas depois. Irreconhecível. E, num sobressalto, acontece. Eu congelo da cabeça aos pés. Sinto um arrepio por toda a minha espinha. O susto é tanto que estou no chão. Nesse momento a reconheço. Aquela ao meu lado era a mulher que caiu no poço daquele elevador, anos antes de eu me mudar para o prédio. Percebo que chegamos ao térreo. Mas o elevador não para. Apenas continua a descer...

UMA CONVERSA CORDIAL

Vinícius Kalin

Ariel sentou-se à mesa, despejando, em taças baratas de vidro, vinho malte para si e a mulher que o acompanhava. A conheceu minutos antes, mas também a vida inteira. A coloração sem graça da bebida contrastava com as almofadas, cortinas, alcatifas e tapetes de toda espécie de tecido que decoravam os pavilhões da cabana com cores vibrantes, arabescos, e bordados curiosos de homens e mulheres nus, sentados sobre enormes felinos e lagartos. Arte selanesa falsificada ou roubada.

Bebeu um gole largo o suficiente para se assegurar de estar tudo certo. O vinho era encorpado, com uma boa proporção entre o álcool e os grãos de cereais. Não era um vinho de verdade, claro, e o nome só era usado para enganar a clientela. Uma cerveja extravagante para pobres se sentirem chiques, bem distante dos importados do Argônio. No fundo da língua, havia o leve toque de sementes. Sorriu.

— Espero que saiba que não vamos transar — a mulher do outro lado da mesa comenta. Ela puxava fumo de um narguilé metálico disposto entre eles. Ariel não tinha certeza do que fumava. Entre as paredes de pano da cabana o ar mesclava com a fumaça de tantos incensos e fumos diferentes que seria uma proeza distinguir qualquer aroma em particular. — Sem ofensas, você é bonita, mas eu prefiro *homens*.

Não o ofendeu. Escutara insultos piores naquela e tantas outras partes do mundo. Ainda eram poucos os locais onde não seria visto como uma mulher.

Distraído, tirou os olhos das tapeçarias do fumadouro e focou nos dela.

— Só estou interessado em ter uma conversa cordial — era parcialmente verdade.

Ela ergue a taça sobre a cabeça em um brinde debochado.

— Desde que esteja pagando — o líquido quase incolor escorreu pelo canto de seus lábios quebradiços até o queixo afinado, pingando na jaqueta surrada. Embora estivesse mais velha do que lembrava, não havia dúvidas de quem era. Rugas marcavam um rosto ossudo e cansado, dentes amarelados compunham seu sorriso, cicatrizes no pescoço e calos nas mãos exemplificavam uma vida laboriosa, e uma tatuagem do brasão da Companhia Araense do Oeste estampava seu pulso direito. — Não é estranho que seus corpos bambolem como se não pos-

súissem ossos? Fico sempre curiosa vindo aqui, assistindo estas pessoas.

Referia-se a um casal de dançarinos selaneses vestidos em figurinos mínimos de duas peças. A mulher vestia azul e o homem vermelho. Ariel pousou os olhos sobre o corpo do homem, observando principalmente como sua camisa terminava na parte superior do peitoral malhado, revelando os mamilos e enaltecendo os músculos. O casal entretinha clientes inebriados dispostos no chão em um semicírculo, acolchoados por gordas almofadas. Um narguilé de pouco mais de um metro e múltiplas mangueiras era exaustivamente compartilhado, gerando um fumacê de arder os olhos. Estavam muito drogados para apreciar devidamente o espetáculo dos dançarinos ao som dos tambores ao fundo do pavilhão.

— É um desperdício de sua arte. A dança selanesa é ancestral, construída para evocar os deuses e sua graça de forma que nós, meros mortais, possamos entender. É uma vergonha que tenha sido reduzida a isso.

— Neste mundo de libertinagens, tudo vira entretenimento. No leste já era assim no tempo que estive lá. Os selaneses são pouco mais que atrações secundárias de palcos miseráveis como esse. Pouco importa se sua dança é sagrada, seu valor está no exotismo.

— É bem verdade. Mais um presente da guerra que avassalou sua nação em nome do “progresso”. Diga-me, em seu tempo no leste, viu algum dragão?

Ariel observou com cuidado a reação da mulher, atento à sua linguagem corporal. Sabia ter pelo menos uma faca presa ao cinto.

A mulher, baforando novamente do narguilé, ignorou a isca. Após encher os pulmões, despejou fumaça acima de suas cabeças, alegrando-se com as nuvens cinzentas pairando sobre eles.

— Estou vendo um dragão agora mesmo — ela ri, apontando para a fumaça, mas em seguida recupera um fiapo de seriedade. — Dragões estão extintos desde antes de eu nascer.

— É o que dizem. Sabe que o motivo de sua extinção ainda é um mistério? Pode imaginar? Criaturas majestosas, com asas do tamanho de casas, reinando sobre os céus, impondo terror sobre os povos humanos que insistiam em migrar para seus territórios?

— Galinhas gigantes — a mulher ri da própria piada até ser interrompida com uma tosse poderosa. Serviu-se de mais um copo de vinho malte.

Ariel quase riu também, limitando-se a um sorriso. A imagem de dragões como aves superdesenvolvidas era cômica até para ele. Continuou:

— As caçadas certamente foram o principal fator em sua extinção, embora exista outro, menos conhecido. Já ouviu falar das *Lágrimas de Nuri*?

— Ervas daninhas — ela saboreia o vinho, remoendo aquilo que foi dito. — Você é alguma espécie de polímata? Não venho aqui para assistir aula.

— Sou no máximo metido a erudito. Acalme-se, logo entenderá aonde quero chegar. Lágrima de Nuri é uma erva daninha e um alucinógeno. Suas sementes são tão potentes que os dragões deliberadamente as utilizavam para se inebriar. Só existia um problema: além de seu efeito, quando em abundância, as sementes são tóxicas, até mesmo para uma constituição como a dos dragões. Nem preciso dizer, os homens do leste perceberam seu uso e espalharam a erva daninha por todos os cantos. Os dragões que não se envenenaram até a morte tornaram-se mansos, dependentes da planta... e quando as caçadas começaram, estavam longe de serem as criaturas aterradoras do passado — A mulher não se impressionara. Era evidente, pela forma como o encarava, que nada que Ariel contou era novidade para ela. Há um traço, porém, de curiosidade. Está tentando decifrar seu rosto, encaixando-o em seu passado entre uma golada e outra de vinho. — Faz quinze anos que ouvi essa história pela primeira vez. A mulher que a contou para mim era jovem, da idade que tenho agora, com longos cabelos loiros; embora não fosse linda, não fazia mal aos olhos. Fiquei surpreso quando soube seu paradeiro, Sargento Dênia. Você saiu daquela vida, mudou-se para outro continente, e veio parar nesta pocilga no meio do nada. Não soube lidar com os traumas, com o peso de suas ações?

Sua intenção não era ser cruel ou rude, mas soara assim do mesmo jeito.

Funcionários cruzavam entre as mesas, alguns carregando bebidas, outros pequenos sacos de pano colorido. Verde para haxixe, branco para ópio, marrom para tabaco, lilás para *flor-da-lua*. Este último o surpreendeu: o valor da coisa era exorbitante, incomum em locais como aquele.

— Dênia — ela repete o próprio nome, desviando da pergunta. — *Sargento Dênia*... quanto tempo sem escutar esse nome, fugindo dele. Sim, eu vejo agora a semelhança. Seu semblante é o mesmo, a pele morena também. Você é a filha dele, filho agora, suponho. Quinze anos, você diz?

Ariel acena, confiante. Ela se lembra dele, afinal.

— Por aí. Os anos perdem o sentido quando se repetem muito. As manhãs ficam todas iguais, os poentes não trazem nenhuma emoção. Por que aqui, Dênia? Fugir de Escândio e da Companhia eu entendo, mas se dar ao trabalho de vir até Paradiso com um nome falso, e continuar a exibir o brasão em seu braço como se não fosse ser reconhecida...

— Memórias são artefatos curiosos — corta ela. — As que mais desejamos guardar se perdem contra nossa vontade; as que tentamos apagar se prendem às nossas córneas como as manchas do fogo no fundo deste narquilé. Não importa quanto pano passe, não sai — Há uma melancolia profunda em sua voz. — Pensei que as drogas ajudariam a desaparecer com as memórias.

Uma atendente para ao lado da mesa e os questiona se ficarão para o espetáculo mais tarde. Ambos negam. Ela usa um vestido longo, no estilo selanês, apesar de não ser selanesa. O fumadouro não é localizado na Selanésia ou gerido por selaneses, mas isso não os impede de adotarem os visuais dos mesmos. É de mau gosto, mas Ariel não pode negar que gosta.

— E ajudou? — Ele pergunta.

— Olhe para mim. É claro que não — Ela serve mais do vinho em sua taça e oferece a Ariel, que recusa. Seu copo ainda estava cheio. Não pretendia mudar isso. — Serviram apenas para esvaziar a mente. Quanto à tatuagem, as pessoas daqui não costumam reconhecer ordens mercenárias do além-mar. Ou falar minha língua. Veja este local, estas pessoas. Quando você está decrépita como eu, as pessoas param de reparar em você.

— Eu diria que estava pedindo para morrer.

— E talvez não estivesse errada. Você me encontrou, afinal — Ela dá uma risada amarga. — Desculpe, eu deveria parar de me referir a você como uma mulher.

— Estou acostumado — ele dá de ombros.

Um homem pomposo e gordo adentrara o recinto. Suas roupas exuberantes demais para um local como aquele. Não demorou para que os atendentes se aglomerassem ao seu redor e o levassem a um pavilhão mais apropriado, longe da clientela baixa classe.

— Odeio esse tipo de gente que entra em um lugar e se torna o centro das atenções — Ele se volta para Dênia, cujo olhar cansado paira sobre eles. De respiração ofegante, ela mal parece conseguir acompanhar a conversa. — Foi assim com você. Meu pai deslumbrou-se com a mulher culta que tomou de assalto as rodas de discussões políticas em Nilares, uma arquiteta revolucionária sem precedentes. O que ele acharia ao ver o estado daquela que traiu a ele e à sua revolução? Teria pena?

— Não posso tê-lo traído, pois nunca estive ao seu lado — Ariel sabia disso, mas a confirmação lhe doía. — Nilares e seu pai foram uma missão como qualquer outra.

— Nilares foi fundada durante as caçadas, no mesmo vale em que os dragões faziam seus ninhos. A cultura de lá nasceu e floresceu venerando as criaturas cujos ossos construíram os alicerces da cidade. Ione Drakos, o *Dragão Uivante* de Nilares, morreu tentando fazer uma revolução para libertar a cidade que amava e jurou proteger. Ele não foi um dragão de verdade, ainda que tenha sido mais que um homem. Quanto lhe pagaram para destruir os sonhos de um povo? A Supressão de Nilares, o assassinato de meu pai, o incêndio que tomou a cidade... são crimes sem volta.

Dênia o encara com aspereza.

— Como você vai fazer? Como pretende me matar? Vai me esfolar viva, como fizemos com seu pai? Algo pior? Eu estou preparada. Esperei por isso todo esse tempo. Ja-

mais imaginei que seria pelas mãos daquela garotinha, tão frágil, tão estúpida...

— Aquela garotinha frágil, de pele escura e cabelos vermelhos, escondida em um armário, ficou vendo seu pai ser torturado na própria adega, por homens e mulheres que se embriagavam com vinho malte. Ela gravou cada rosto que ria de sua dor. A garota morreu junto do Dragão Uivante, incapaz de continuar existindo naquela forma, naquele corpo que não reconhecia como seu. Morreu e se transformou. Eu carrego suas memórias e sua sede de vingança. Você estava enganada quanto aos dragões, Dênia. Eles não foram extintos; eles vivem em mim.

Ele faz uma pausa, ambos observando a taça vazia entre seus dedos. Ariel puxa a manga do braço esquerdo, revelando dezenas de nomes talhados diretamente em sua carne. As cicatrizes escritas em seu alfabeto nativo se passariam por sequências de triângulos e linhas grotescas para aqueles que o desconheciam. A escarificação não era necessária; usou-a como um lembrete de como levaria sua vingança às últimas consequências.

— Você já está morta, Dênia. Está morta desde que bebeu deste vinho. E sabe o pior? Eu quase a deixei escapar. Quase senti pena. A maioria dos outros permaneceu na Companhia, alguns morrendo em outros conflitos antes que eu os alcançasse. Nenhum de velhice. Eu a deixei entre os últimos, relutante de matar alguém que se arrependeu de seus atos. No fim, o choro daquela garotinha

ainda se reflete neste homem — Ariel se levantou. Dênia o apanhou pelo casaco, os efeitos do veneno já evidentes. Ele deixou o silêncio perdurar, dando uma oportunidade de a mulher responder, se desculpar, implorar. Dênia não conseguia, ocupada demais tentando forçar o ar para dentro dos pulmões. — De toda forma, é uma misericórdia e uma honra morrer como os dragões. Quando você desmaiar, o que deve ocorrer em instantes, acreditarão que as drogas que consumiu provocaram uma sobredose. Somente eu e você saberemos que as sementes de Lágrimas de Nuri misturadas na bebida destruíram seu sistema respiratório e a sufocaram até a morte. Você veio até aqui para fugir de suas memórias; as minhas, porém, a alcançaram.

Ariel Drakos, filho do Dragão Uivante de Nilares, herdeiro de uma revolução fracassada, assistiu a antiga amante de seu pai murchar como uma flor, sucumbindo aos efeitos do veneno que bebeu de bom grado. Ao ter certeza de sua morte, retirou um estilete do bolso, riscando o nome de Dênia de seu antebraço. Um fio de sangue escorreu por seu cotovelo, pingando no chão por onde passava.

Menos um nome na lista.

OS AUTORES

Alessandro Pinesso, nascido em 31 de maio de 1969 em São Caetano do Sul/SP. Formado em Comunicação Social (Propaganda) pela ESPM de São Paulo, começou a carreira de Redator Publicitário aos 19 anos, com passagens por agências de diversos portes e perfis, como Editora Abril e Fischer, Justus. Nos últimos cinco anos, fez cursos de roteiro de cinema na escola *b_arco* e Roteiraria, e hoje tem projetos escritos em ficção e documentário. No momento, se dedica a escrever a antologia de contos *O Sono dos Insetos*, todos protagonizados por animais que vivem nas grandes cidades e em seu entorno. Como bom geminiano, é falante, curioso e festeiro. Gosta de longas caminhadas e se mantém são com corridas e exercícios.

Caio Grifo tem 19 anos, é morador de Queimados e graduando em Letras-Literaturas pela UFRJ. Em 2020, foi vencedor do Concurso de Contos #Ficçomos100k, com seu texto “Pequeno pardal em minhas mãos”. Com essa conquista, recebeu uma bolsa integral para o curso “Escreva seu Romance”, ministrado pelo escritor Raphael Montes.

Carolina Walliter é historiadora de formação (e coração) e nas horas ocupadas é tradutora. Escritora irritantemente carioca, gosta de praia, carnaval e futebol mais que o recomendado pela OMS. Suas principais inspirações vêm de vozes da literatura que retratam as histórias que a História não conta(va!), como Eliana Alves Cruz e Luiz Antônio Simas. Escreve desde criança e tem uma coleção infundável de cadernos, cujos rabiscos, até bem pouco tempo, guardava somente para si.

Isadora Contins é mestre em Comunicação Social pela UERJ e tem graduação em História pela PUC-Rio. É carioca e morou nos EUA durante sua infância. Trabalha com traduções e versões de texto, como roteiros e textos acadêmicos. É professora de inglês na Cultura Inglesa e apaixonada por cinema, música e literatura.

João Senra já andou um bom bocado na vida. O que lhe interessa mesmo é o ser humano. O que e por que fazem as coisas. O que e por que as sentem. Adora lidar com as questões sem respostas. É sobre isso que quer escrever. Quando a mente sossega um pouco, sente que dá para colocá-la a serviço da escrita. Ficção, inspirada em fatos, nas histórias dos outros e nas suas próprias.

M D Senna-Prime nasceu e cresceu em Niterói/RJ, e estudou no CEN, onde fez um monte de amigos. Passou um tempo perdida em alguns cursos superiores por aí, até finalmente cursar Letras na UFF (Niterói) e na Uni Tübingen (Alemanha). Durante essa época, muitos contos, crônicas e poemas foram escritos – e engavetados. No ano 2000 se mudou de mala e cuia pra Escócia, onde

trabalha como professora responsável por inclusão. Agora, aos 53 anos, resolveu finalmente se disciplinar e escrever diariamente participando de clubes de escrita, na esperança de finalizar os livros que começou, escrever outros, publicá-los e, é claro, fazer mais amigos.

Nicole Ayres, 29 anos, carioca, é professora de francês e escritora, Mestra em Teoria da Literatura pela UERJ. Possui diversas publicações em coletâneas de contos, poemas e crônicas. Publicou, em 2021, seu primeiro livro solo, intitulado *Dançando na Varanda*, disponível no site da Amazon. Sagitariana, amante das coisas palpáveis e abstratas, procura fazer o que gosta e gostar do que faz. Não sabe definir bem os limites entre seu fazer artístico, professoral e humano, nem pretende. Divulga seus escritos no blog <https://sentimentosemcompotas.blogspot.com/> e no Instagram @sentimentosemcompotas e participa do coletivo Ecos Poéticos @ecoandopoesia.

Paulo Zan é o nome artístico de Paulo Freire, baiano, 22 anos, estudante de filosofia pela UFBA e apresentador do “Orgulhoso cast”, um podcast de literatura. Já publicou os contos “Clube dos suicidas” (antologia do Pacote de Textos, 2021), “Corpo carbonizado no chão do meu quarto” (independente/Amazon KDP, 2021) e o romance *As visões de Olímpio Fonseca* (independente/Amazon KDP, 2021), além de algumas publicações acadêmicas em periódicos.

Tassia Accioly tem 31 anos, é de Niterói/RJ e atualmente é programadora e *game designer*, já tendo trabalhado em diversas áreas das artes e cultura. É nerd e tem sempre um conjunto de dados de RPG à mão para quaisquer ro-

lagens de emergência. Ganhou o primeiro lugar no concurso de contos da prefeitura de Niterói em 2008 e “Reinações e outros prazeres” é seu segundo conto publicado.

Thais Giardinieri é carioca, tem 23 anos e é graduanda em Letras – Português/Inglês. Em seu tempo vago, costuma assistir filmes de terror e suspense. Gosta de escrever desde a adolescência, mas só agora teve coragem de mostrar para outras pessoas suas histórias.

Vinícius Kalin tem 28 anos, carioca, graduando em história pela UERJ. Introverso, passou a infância e a adolescência imaginando mirabolantes aventuras em mundos fantásticos, optando por finalmente as externalizar no papel. Apaixonado por toda espécie de ficção, suas principais influências são os jogos *Final Fantasy*, *Resident Evil* e *Halo*, os animes *Shaman King* e *Attack on Titan*, a série *Lost* e autores como Brandon Sanderson, N.K. Jemisin, Ursula K. Le Guin e Joe Abercrombie. Um de seus focos é trazer para a literatura fantástica nacional uma visão mais moderna e diversa, menos presa aos clássicos do século XX.

Copyright © 2021

Editora ACASO CULTURAL

Coordenação:
Catarina Amaral
Marcela Miller
Pedro Sasse
Alexandre Ramos

Projeto gráfico e capa:
Pedro Sasse

Revisão:
Acaso Cultural

Conselho consultivo:

Alexander Meireles da Silva (UFG)
Ananda Machado (UFRR)
André C. de Almeida Cardoso (UFF)
Anita Moraes (UFF)
Júlio França (UERJ)
Marcelo Diniz (UFRJ)
Marcio Markendorf (UFSC)
Marcio Tavares d'Amaral (UFRJ)
Paulo da Costa e Silva (UFRJ)
Silvio Renato Jorge (UFF)
Stefania Chiarelli (UFF)
Susana Kampff Lages (UFF)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Acaso literário [livro eletrônico] / organização
Simone Campos. -- Rio de Janeiro : Acaso Cultural,
2021. -- (Acaso literário)
PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-994968-1-3

1. Contos - Coletâneas - Literatura brasileira
I. Campos, Simone. II. Título III. Série.

21-87720

CDD-B869.9308

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Coletâneas : Literatura brasileira B869.9308
Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964



CNPJ: 33.980.292/0001-25
acasocultural.com